



UEPB – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO

AS MÚLTIPLAS FACES DA LÍNGUA:
UM ESTUDO SOCIOVARIACIONISTA NO SÍTIO ARISCO
– LAGOA DE DENTRO – PB

GUARABIRA-PB
2015

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO

**AS MÚLTIPLAS FACES DA LÍNGUA:
UM ESTUDO SOCIOVARIACIONISTA NO SÍTIO ARISCO
– LAGOA DE DENTRO – PB**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras-Português, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Barboza de Lima.

**GUARABIRA-PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244 Nascimento, Edna Ranielly do
As múltiplas faces da língua: [manuscrito] : um estudo
sociovariacionista no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro – PB / Edna
Ranielly do Nascimento. - 2015.
74 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Fernanda Barboza de Lima, Departamento de
Letras".

1. Sítio Arisco. 2. Sociolinguística. 3. Variação linguística.
4. Fonética. I. Título.

21. ed. CDD 400

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO

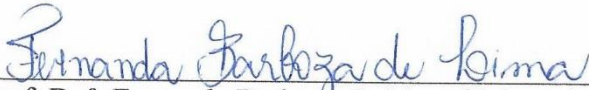
**AS MÚLTIPLAS FACES DA LÍNGUA:
UM ESTUDO SOCIOVARIACIONISTA NO SÍTIO ARISCO
– LAGOA DE DENTRO – PB**


Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras – Português, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Barboza de Lima.

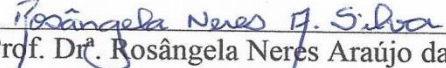
Área de concentração: Sociolinguística e variação

Aprovada em: 03/12/2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr.^a Fernanda Barboza de Lima (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof. Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo
amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, por ser a minha fortaleza e socorro bem presente na angústia.

A minha mãe **Maria das Dores**, aos meus irmãos **Neire Carla** e **Nielson**, por compreender a minha ausência nas reuniões familiares.

Ao meu noivo **Leonardo Fernandes** por suportar o pouco tempo lhe dedicado e os efeitos colaterais do TCC.

À minha orientadora **Fernanda Barboza de Lima** pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, sem seu apoio não teria conseguido.

Ao corpo pedagógico do curso de Letras que se dispusera a me auxiliar na longa jornada acadêmica.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos treze informantes entrevistados que disponibilizaram o seu tempo e os seus relatos a minha pesquisa, sem eles ela não seria possível.

Ao meu amigo **Jobson Soares** por ter me incentivado a fazer o vestibular e cursar Letras. Talvez sem o seu incentivo eu não estivesse a fazer esse agradecimento.

Aos colegas de classe que me aguentaram durante quatro anos e mesmo com meus inúmeros defeitos, me apoiaram e dedicaram sua amizade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram com esta pesquisa.

RESUMO

O sítio Arisco-Lagoa de Dentro/Paraíba é um ambiente constituído por um público interiorano de extrema importância para a constituição da história linguística do país, visto que carrega na sua essência a língua de um povo até então esquecido pela sociedade, e cujos usos linguísticos são diferentes dos instituídos pela classe dominante. Estas múltiplas maneiras de usar a linguagem é um processo muito comum no Português do Brasil, mas o preconceito linguístico ainda é dominante e resistente aos estudos sociolinguísticos. Por conseguinte, esta pesquisa é uma ferramenta que pode contribuir para combater este preconceito, através da apresentação das variáveis fonético-fonológicas existentes em nosso país. Variáveis estas que foram analisadas e transcritas foneticamente em contexto frasal e fundamentadas por teóricos como Bagno (2007; 2008), Mendonça (2012), entre outros. Utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa de campo, ao realizar-se entrevistas com treze moradores do já referido sítio, fundamentadas na teoria laboviana (LABOV, 2008), bem como pesquisas bibliográficas associadas à Fonética, à Sociolinguística e à Linguística Histórica, para discutir as partes do trabalho. Acreditamos que tanto a pesquisa quanto os estudos teóricos contribuam para tornar menor o preconceito linguístico e aprofundar o conhecimento sobre a diversidade da língua e como ela é “implementada” no cenário brasileiro.

Palavras-Chave: Sítio Arisco. Sociolinguística. Variação linguística. Fonética.

ABSTRACT

The village Arisco-Lagoa de Dentro/Paraíba is an environment made up of a small-town public of utmost importance for the establishment of linguistic history of the country, since it carries in its essence the language of a people, somehow forgotten by society, and whose linguistic uses are different from those used by the dominant social class. These multiple ways to use the language is a very common process on Portuguese of Brazil, but the linguistic prejudice is still dominant and resistant to sociolinguistic studies. Therefore, this research is a tool that can contribute to combat this prejudice, by presenting phonetic and phonological variation from our country. This variation was analyzed and transcribed phonetically in phrasal context and based on theorists such as Bagno (2007; 2008), Mendonça (2012) among others. We used as methodological procedures the field research by performing interviews with thirteen inhabitants from Arisco, based on Labovian theory (LABOV, 2008), as well as bibliographic researches related to Phonetics, to Sociolinguistics and Historical linguistics, in order to discuss the work pieces . We believe that both research and theoretical studies contributed to reduce the linguistic prejudice and to deepen knowledge about the diversity of language and how it is implemented in the Brazilian scene.

Keywords: Arisco Village. Sociolinguistics. Linguistic variation. Phonetics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização geográfica de Lagoa de Dentro-Parafba.....	32
---------------	--------------------------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição dos informantes na modalidade gênero, idade e escolaridade.....	34
Gráfico 2	Representação dos casos de Aférese em verbos (estar), pronome de tratamento (você) e advérbios (até).....	38
Gráfico 3	Ocorrências individuais de Aférese em termos verbais e não verbais.....	39
Gráfico 4	Representação dos casos de Apócope em verbos gerúndio, no modo indicativo/1ª e 2ª conjugação e no Pretérito perfeito/ 3ª pessoa do plural.....	44
Gráfico 5	Ocorrências individuais de Apócope em termos verbais.....	44
Gráfico 6	Representação dos casos de Monotongaço/ múltiplos ditongos.....	53
Gráfico 6/1	Ocorrências individuais de Monotongaço.....	54
Gráfico 6/2	Ocorrências individuais de Monotongaço.....	54
Gráfico 7	Representação dos casos de Rotacismo.....	61
Gráfico 8	Ocorrências individuais de Rotacismo.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Iniciais, sexo, idade e escolaridade dos falantes entrevistados.....	34
Tabela 2	Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição contextualizada.....	39
Tabela 3	Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição contextualizada.....	45
Tabela 4	Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição contextualizada.....	55
Tabela 5	Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição contextualizada.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFI	Associação Fonética Internacional
EL	Estado da língua
IPA	International Phonetic Alphabet
LC	Latim Culto
LP	Língua Portuguesa
LV	Latim Vulgar
LR	Línguas Românicas
NP	Norma padrão
PB	Português Brasileiro
PNP	Português Não Padrão.
PE	Português Europeu
PPA	Português padrão
PP	Pretérito Perfeito
PNP	Português não padrão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. REVISÃO DE LITERATURA	15
1.1 WILLIAM LABOV E A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	15
1.1.1 Principais pesquisas de William Labov	17
1.2 PORTUGUÊS BRASILEIRO: DIFERENTES CONCEPÇÕES	19
1.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: A NORMA PADRÃO E AS “MULTI-VARIEDADES” LINGUÍSTICAS	23
1.4 FONÉTICA: CONCEITO E APLICAÇÃO	28
2. METODOLOGIA	31
2.1 PERFIL DO ESPAÇO	31
2.2 PERFIL DOS INFORMANTES.....	33
2.3 COLETA DE DADOS	35
3. FENÔMENOS FONÉTICOS COLETADOS NO SÍTIO ARISCO	36
3.1 METAPLASMO POR SUPRESSÃO	36
3.1.1 Aférese	37
3.1.2 Apócope	43
3.1.3 Monotongação	52
3.2 METAPLASMO POR TRANSFORMAÇÃO	59
3.2.1 Rotacismo	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A língua é viva, rápida, mutável e se renova a cada dia. A escrita padrão é mais lenta, conservadora e resistente a mudanças. Contudo, a teoria laboviana causou revoluções nos estudos linguísticos, pois mostrou a língua sob uma perspectiva externa. Eis que surgem os estudos sociolinguísticos que, aos poucos, vêm ganhando o seu espaço no cenário nacional.

Através da Sociolinguística os pesquisadores passam a se preocupar com os fatores externos, vendo-os como condicionadores da mudança linguística e surgem, assim, inúmeras pesquisa campo, com a finalidade de detectar as variações em uma determinada comunidade e a sua relação com elementos que ultrapassam as barreiras internas da língua, como idade, sexo, faixa etária, status socioeconômico e outros.

A pesquisa crucial deste momento de transição entre estudo interno e externo da língua foi sem dúvida a publicada por Labov (2008) em 1963, visto que, além de inserir o aspecto social no estudo científico da língua, mostrou como fazê-lo.

Mediante estas informações, a presente pesquisa tem como objetivo mostrar os aspectos fonéticos variáveis coletados no sítio Arisco, local situado no município de Lagoa de Dentro, o qual faz parte do estado paraibano. Tendo em vista a extrema necessidade de romper com os “mitos” que permeiam a língua. Mitos estes que provocam um distanciamento preconceituoso entre os falares da elite e as variantes daqueles que estão à margem da sociedade. Por isso, acreditamos que a pesquisa pode contribuir no combate ao preconceito linguístico tão enraizado no nosso país.

Conforme a pesquisa e os estudos variacionistas, elaboramos alguns questionamentos que conduziram toda a nossa pesquisa, como: *Até que ponto os fatores externos influem na língua? Existem fatores externos que interferem mais que outros no quadro variável da língua? Em que concerne o preconceito linguístico? Por que o Português Brasileiro é tão diferente do Português Europeu?*

Com a finalidade de tornar o trabalho o mais claro possível, o dividimos em quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda questões voltadas para a teoria variacionista, ou seja, para os estudos de Labov; Chagas; Tarallo etc., e a sua importância para o campo sociolinguístico, bem como retrata as diferentes concepções para a constituição do Português Brasileiro, como ele se encontra atualmente, de forma a mostrar que as variantes encontradas têm explicações coerentes para o seu uso, seja na perspectiva da primeira concepção da formação do PB aquela em que se acredita que os fenômenos fonéticos detectados no PB provêm do Latim e

consequentemente do Português Europeu (Bagno, 2007, 2008; Bortoni-Ricardo, 2004; Dubois *et al* 2006; entre outros) ou na perspectiva da segunda concepção em que se acredita que as ocorrências das variáveis fonéticas no PB são causadas por influência africana (Mendonça, 2012; Lima apud Castro, 2001; e outros).

Ainda no primeiro capítulo faz-se uma breve discussão sobre o preconceito linguístico e sobre os mitos linguísticos ainda persistentes no Brasil, conforme os estudos de Bagno (1999). Em seguida, trata-se do conceito de fonética e a sua importância para a sociolinguística e consequentemente para a pesquisa realizada, assim como para outras áreas científicas, a referir a Fonoaudiologia, por exemplo, sob a luz de teóricos como Callou e Leite (2009); Cagliari e Cagliari LC (2001); Cristófaró (2005); Hora (2009), dentre outros.

O segundo capítulo é dividido em três subtópicos. No primeiro, é retratado o lugar em que a pesquisa foi realizada de forma sucinta; no segundo, o perfil dos informantes e as características básicas de cada um; e no terceiro, por sua vez, mostra-se como foi realizada a coleta de dados e a organização dos arquivos posteriormente.

No quarto capítulo, aborda-se a pesquisa propriamente dita, com fenômenos fonéticos que fazem parte de dois tipos diferentes de metaplasmos. No primeiro está o metaplasmo por supressão (Aférese, Apócope e Monotongação) e, no segundo, o metaplasmo por transformação (Rotacismo). Os referidos fenômenos são discutidos sob a fundamentação de inúmeros teóricos, a aludir Bagno (2007; 2008); Bortoni-Ricardo (2004; 2005); Botelho e Leite (2005); Dubois *et al* (2006); Lima (2014); Mendonça (2012) e outros. Além de discuti-los, é realizada, ainda, a transcrição ortográfica e fonética em contexto frasal, assim como a realização das ocorrências individuais, representadas por gráficos, de modo a analisar o maior índice de ocorrência por falante e, por fim, as observações acerca dos dados encontrados.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 WILLIAM LABOV E A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Antes mesmo de apresentar discussões acerca dos estudos realizados pelo linguista William Labov e do papel que eles desempenham na pesquisa abordada, faz-se necessário conceituar, de forma sintetizada, o que vem a ser a Sociolinguística Variacionista.

Cezario e Votre (2011, p.141, grifos nossos) afirmam que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu **uso real**, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do **contexto situacional**, da **cultura** e da **história das pessoas** que a utilizam como meio de comunicação.

Observa-se, a partir das palavras dos autores, que ao defender o estudo da língua em seu uso real, conseqüentemente deve-se, de imediato, repensar a teoria de homogeneidade linguística defendida pelos estruturalistas Saussureanos e gerativistas Chomskyanos.

Isto por que Saussure, ao propor o estudo da língua fora do plano histórico, ele também excluiu outros fatores importantes, a aludir os elementos sociais, externos à língua. Como resultado de tal pensamento, acreditou-se por muito tempo que a língua poderia ser descrita unicamente por elementos internos, enquanto os fatores externos deveriam ser dispensáveis. Por isso, a heterogeneidade linguística não foi considerada nesta perspectiva, tendo em vista que a mudança e a variação são itens que se inserem no conjunto heterogêneo não aceito nesta teoria.

Outra corrente que ignorou a influência social foi o gerativismo, já que Chomsky focava de forma destacável na relação entre língua e mente, assumindo também um caráter individualista, no qual o indivíduo e a sociedade são idealizados fora do contexto real (CHAGAS, 2006).

Em síntese, a teoria da homogeneidade linguística impede que a língua seja estudada de forma contextualizada. O que acarreta, conseqüentemente, em uma visão deturpada sobre a variabilidade da língua, isto é, sobre as múltiplas formas de expressar um mesmo sentido (COELHO *et al.* 2010).

Não obstante, mediante as teorias eminentemente internas (Estruturalismo e Gerativismo), eis que surge Labov, o precursor da Sociolinguística Variacionista, com o objetivo de direcionar os estudos linguísticos por outros caminhos.

Segundo o *sociolinguista*, as línguas apresentam variações que acarretam em mudanças (CHAGAS, 2006; LABOV, 2008). Esta mudança pode ainda, está interligada com o meio social no qual está inserida. Afinal, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 p. 21).

Ele reforça ainda mais a sua teoria ao afirmar numa entrevista realizada pela Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL (2007), que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua, “[...] o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística.”.

Portanto, tanto Chagas (2006), Cezario e Votre (2011) quanto Labov (2008), defendem o estudo da língua dentro de um sistema contextualizado. Ou seja, para conhecer as mudanças linguísticas é preciso valorizar o momento situacional em que a língua se encontra e o processo histórico decorrido para a sua formação. Contudo, isto não significa dizer, que devemos “abolir” a ideia de que a língua apresenta uma ordem interna, mas que esta ordem interna não é única e exclusiva. Existem ordens externas que precisam ser consideradas.

A título de exemplo, Preti (2003) cita três tipos de variações extralinguísticas que conseqüentemente fazem parte da ordem externa mencionada anteriormente. Estas são as variações geográficas, as sociológicas e as contextuais. Na primeira, se inserem as variantes regionais, na segunda, as variantes movidas pela idade, sexo, profissão, escolaridade, classe social etc., na terceira e última estão as variantes relacionadas ao assunto, ao espaço do diálogo, entre outros. Variações estas, que Coelho *et al* (2010) prefere chamar de condicionadores linguísticos¹. São, na verdade, os responsáveis pela a escolha que o falante faz entre uma variante e outra.

Tais variações foram abarcadas sob o viés da corrente teórica laboviana. À vista disso, podemos afirmar que os estudos de Labov, não somente marcou o início de uma ciência, capaz de visualizar os fatores externos como condicionadores na produção da mudança linguística, como também inseriu um excelente método quantitativo para obter os dados

¹ Os condicionadores linguísticos podem ser de ordem interna (variáveis dependentes) ou de ordem externa (variáveis independentes), de acordo com Coelho *et al* (2010).

linguísticos encontrados. A referir, por conseguinte, os dados obtidos em *Massachusetts – Martha’s Vineyard no EUA e em Nova Iorque* (CALVET, 2002; FARACO, 2005; LABOV, 2008; TARALLO, 1986).

1.1.1 Principais pesquisas de William Labov

Como mencionado no tópico anterior, Labov realizou algumas pesquisas na ilha de *Massachusetts – Martha’s Vineyard nos EUA e na cidade de Nova Iorque*, significativas para o campo sociolinguístico.

A primeira pesquisa foi publicada em 1963, e tinha como objeto de estudo os ditongos /ay/ e /aw/ presentes na ilha supramencionada. Mais especificamente, o autor estudou o processo de centralização destes ditongos e constatou que os moradores da ilha pronunciavam os ditongos de forma diferenciada, a indicar, por exemplo, a ditongo /aw/ (house) que na ilha estava a ser substituído pela variante /ɒʊ/ ou /əʊ/. Enquanto o ditongo /ay/ (right) deixava de ser pronunciado e em seu lugar mantinha-se a variante /ɪ/ ou /əy/ (LABOV, 2008, TARALLO, 1986).

No entanto, para Labov (2008) não bastava detectar as variantes, por isso foi em busca de explicações coerentes para tais ocorrências e constatou que a variação presente estava interligada com a cultura e história da ilha. Ou seja, apesar da variante /əu:/ e /əy/ ser a variante estigmatizada, os moradores do lugar viam nela a forma de fortalecer e manter a identidade local e de romper com a influência dos veranistas. Por isso, os moradores mais velhos permaneciam com a sua pronúncia diferenciada, assim como alguns jovens da ilha tendiam a utilizar cada vez mais a variante, já que era de interesse de ambos o fortalecimento dos vínculos identitários da ilha (NARO, 2007).

A segunda pesquisa ocorrente nas lojas de Nova Iorque tinha como objeto de estudo o /r/ pós-vocálico, que, “em palavras como *car, guard, heart*, ora é pronunciado, ora não” (FARACO, 2005, p.185).

Para fazer esta análise, Labov pesquisou a pronúncia do /r/ pós-vocálico (CEZARIO E VOTRE, 2011) em três lojas (Sacks, Macys e S. Klein) diferentes em Nova Iorque. Cada uma das lojas apresentava clientelas distintas. Na primeira era predominante o público da classe alta, na segunda predominava a classe média e na terceira, a baixa.

A pronúncia consistia em palavras do vocabulário inglês que continham o /r/ pós-vocálico, a citar *fourth* e *floor*. Para obter estas pronúncias, William Labov perguntava aos

vendedores em que andar poderia encontrar um determinado produto do seu interesse, e obtinha as respostas necessárias para a sua pesquisa.

Eis que o autor consegue comprovar que a relação entre língua e sociedade existe, e precisa, portanto, ser considerada ao se fazer um estudo sob o viés da sociolinguística.

Os resultados da análise demonstraram que a ausência do /r/ é estigmatizada socialmente (isto é, não faz parte do bom falar ‘nova-iorquino’) e a presença do segmento é considerado a variante de prestígio. Ainda mais significativo, a análise concluiu que ao status social mais elevado do falante corresponde o uso mais frequente do /r. (TARALLO, 1983 p. 12).

Com esta técnica, ele percebeu que a variante /r/ permanecia com maior frequência nos discursos dos falantes de classe alta e média, do que nos de classe baixa. Não obstante, além do fator econômico, ele encontrou também o fator social acerca da própria variante. A presença da variante era sinônima de uma linguagem mais sofisticada, de uma língua padrão, enquanto a ausência da variante era estigmatizada. O que acontecia de forma inversa no período anterior à Segunda Guerra Mundial (1930) (BELINE, 2006; LABOV, 2008).

Para chegar a esta conclusão, o autor precisou avaliar as políticas de publicidade das lojas, os salários dos vendedores, os preços, as condições de trabalho etc. Todos estes itens influíram na presença ou ausência do /r, já que estava ligada com o padrão social nova-iorquino da época. Da mesma forma que precisou avaliar o contexto histórico e cultural da ilha de *Massachussetts*, para compreender o crescimento considerável da variante estigmatizada, utilizada tanto pelo público jovem quanto pelo público mais idoso, na primeira pesquisa (LABOV, 2008).

Observe como Labov precisou recorrer a inúmeros elementos sociais para explicar a mudança linguística nas áreas pesquisadas, por isso é considerado o precursor da Sociolinguística, tendo em vista que a “Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala” (COELHO *et al*, 2010, p. 22).

Quanto à relação entre língua e sociedade, muito já foi discutido neste tópico. Entretanto, quanto à importância do estudo da evolução da linguagem dentro de uma fala e espaço específicos, é preciso ressaltar que inúmeros estudos, inclusive no Brasil, tem se dedicado a tal prática, com o objetivo, conforme explica Lima (2014, p. 28):

[...] de minimizar alguns preconceitos, ao refletirem sobre as diversidades e transformações inerentes à linguagem. Ao detalharem as diversas variantes produzidas dentro de uma comunidade de fala, procuram incentivar a valorização de

todos os dialetos, mostrando a importância do conhecimento e emprego de cada um, nas diferentes situações comunicativas.

Através desse pensamento, é possível perceber a importância dos estudos sociolinguísticos para a erradicação, mesmo que parcial, do preconceito linguístico, através dos estudos multidirecionais, ou seja, estudos que abarcam todos os dialetos de forma igualitária. Além de contribuir ainda, para o conhecimento histórico e sociocultural da língua estudada.

Os próximos tópicos serão direcionados para tais temáticas, com enfoque no Português Brasileiro. Ou seja, desenvolver-se-á um estudo mais aprofundado sobre a formação do PB (Português Brasileiro) e sobre o preconceito linguístico acerca de algumas variantes que o constitui.

1.2 PORTUGUÊS BRASILEIRO: DIFERENTES CONCEPÇÕES

De acordo com Bechara (2009), a Língua Portuguesa (LP) proveio do latim, através das conquistas do império romano (séc III a.C). O latim, por sua vez, surgiu da família Indo-europeia e se inseriu na Península Ibérica, numa região chamada de Lácio, próximo à Itália (CASTILHO, *s.d*).

Vale ressaltar, ainda, que o latim passou por processos de mudanças, ou seja, como qualquer outra língua, o latim assumiu uma característica mutável, a gerar assim, o Latim Arcaico, o Latim Vulgar e o Romance.

Conforme Castilho (*s.d*), o latim arcaico (séc. VII a. C. até o séc. III a.C.) foi o período em que o latim manteve a maior homogeneidade linguística possível, porém, após as invasões gregas, ocorreu a primeira divisão: “os romanos cultos” e “os romanos incultos”. O Latim Vulgar (séc. III a. C. até o séc. VII d.C.), por sua vez, era falado pela população romana com baixo nível de escolaridade, não eram pessoas consideradas cultas e, por conseguinte, esta variante não tinha registro escrito, já que não era o tipo de latim pronunciado pelos conhecedores da escrita. A população culta, até meados do século II a.C. e V d.C., falavam o Latim Culto (LC), contudo após isso ele foi praticamente extinto tanto na versão escrita, quanto na versão “oralizada”.

Não obstante, o LV permaneceu, porém sofreu inúmeras mudanças e deu início a fase conhecida como Romance (séculos VII e IX d.C.), caracterizada pela intensificação das mudanças do LV, o que acarretou na divisão entre o Romance Ocidental e o Romance

Oriental. Do qual nos interessa apenas o romance ocidental, pois foi de onde proveio a língua portuguesa.

Em suma, esta breve discussão sobre a história da LP desde o latim mostra que qualquer língua passa por processos de mudanças ao longo dos anos. Com o LV não foi diferente, visto que, o mesmo se distanciou cada vez mais do LC devido ao ciclo “variativo”, o que se assemelha bastante com a formação do PB.

[...] No caso específico do Português trazido para o Brasil, é sempre preciso lembrar que não foram os doutores de Coimbra nem os poetas da corte de Lisboa que colonizaram o nosso território. Para cá vinheram, mercadores, baixos funcionários, pequenos artesãos, além de degredados políticos e religiosos, uma população essencialmente masculina e muito pouco letrada. Vinham das diversas regiões de Portugal, ou seja, falavam diferentes variedades do Português europeu medieval. Assim como aprendemos que as línguas românicas não nasceram do latim clássico, literário, das elites letradas de Roma, mas sim do chamado latim vulgar dos soldados, pequenos funcionários, dos agricultores etc. (BAGNO, 2013, p. 27).

Dessa forma, observamos que há um ciclo, desde o latim, que contribui com a mudança entre variantes de uma mesma língua. No latim, tínhamos duas variantes bem definidas, o Latim Clássico e o Latim Vulgar. “É no Latim Vulgar que tem origem as línguas românicas. A expressão Latim Vulgar [...] designa a língua com todas as suas variedades e tem sido utilizada para a distinguir da modalidade literária” (CARDEIRA, 2006, p. 21). Tanto Bagno como Cardeira deixam claro que as línguas românicas surgiram desse latim vulgar, ou seja, o português não foi formado pelo latim dos renomados escritores da época.

Da mesma forma é o Português Brasileiro, afinal as pessoas que colonizaram o país não formavam a alta classe portuguesa, antes faziam parte da classe inferior da sociedade europeia. É nítido, portanto, que o português trazido ao Brasil não era totalmente igual à Língua Portuguesa pronunciada pela alta elite lisbonense, conforme os subsídios teóricos estudados. Assim como, o Português Brasileiro atual não é idêntico ao português do período colonial.

Bagno (2008), ao produzir a novela sociolinguística “A língua de Eulália”, atribui os fenômenos fonéticos encontrados no Português Brasileiro, como o rotacismo (troca do /r/ pelo /l/) às formas arcaicas do português ou até mesmo a preservação dos elementos que formavam a palavra no latim. O autor cita como exemplo a palavra *eclesia* (forma em latim de *igreja*), para mostrar que o /r/ surgido em igreja era um /l/ em eclesia. Então o falante que troca o /l/ por /r/ tem subsídios na própria língua, para fazer tal construção.

Da mesma forma, Lima (2014, p. 24) ao citar Naro e Scherre (2007) afirma que “de acordo com esses estudiosos, as particularidades atuais do PB são provenientes das tendências estruturais existentes já no PE”.

É como se o falante que pronuncia a variante mais desprestigiada estivesse a fazer uso de um sistema linguístico mais antigo, ou até mesmo, estivesse a seguir tendências permissíveis do Português Europeu (PE) e conseqüentemente do latim.

Em síntese, a primeira concepção sobre as variantes da língua do PB, direciona-se ao PE, e não valoriza a influência africana na construção do português do Brasil. Entretanto, existem teóricos que defendem tal contribuição, ou seja, apontam a variação presente no PB como resultado de séculos de convivência com os africanos que foram trazidos no período da escravidão. A construir assim, uma segunda concepção acerca das variantes do PB.

Do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste africana ou “sudanese”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria. (CASTRO, *s.d.*, p. 3).

Na região banto, existiam inúmeras línguas africanas, mais especificamente trezentas (300), segundo Castro (*s.d.*). Do banto, proveio para o Brasil em maior escala, a língua quimbundo, com falantes situados na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e na região norte do país Angolano; O quimbundo que também faz parte da Angola, porém com falantes situados na região central; E o umbundo que preenche o espaço Sul de Angola e Zâmbia.

Quanto à região sudanesa da África, as línguas trazidas para o Brasil “foram às línguas da família Kwa, faladas no golfo do Benim” (CASTRO, *s.d.* p. 3). Quem representava esta língua eram os Iorubás e o grupo linguístico ewe-fon.

Mendonça (2012) acrescenta ainda que, o quimbundo exerceu forte influência no PB, mais especificamente na região Norte e Sul do país. Seja no aspecto fonológico da língua, seja no aspecto morfológico, sintático ou lexical. Todavia, faz-se necessário mencionar que este trabalho tem como foco principal, apenas as discussões que envolvam aspectos fonológicos da língua.

Quanto às variantes existentes no aspecto fonético da língua, Mendonça (2012) cita alguns fenômenos fonéticos (monotongação, rotacismo entre outros) como resultado da influência do quimbundo na língua brasileira.

Aragão (1996, p. 6) acrescenta ainda que:

Muitos dos fatos fonético-fonológicos determinantes das variantes regionais e/ou sociais do Português do Brasil são atribuídos à influência do africano, embora alguns estudiosos coloquem dúvidas a essa origem, preferindo atribuí-las à evolução ou ao conservadorismo da própria língua portuguesa.

Percebe-se, portanto, que autores como Castro (s.d), Mendonça (2012) e Aragão (1996) são defensores da formação variável do PB através da influência africana, em contraposição a Bagno (2008) e Lima (2014) *apud* Naro e Scherre que acreditam numa variação linguística já pré-determinada pelo sistema linguístico europeu (PE).

Castilho em um trabalho intitulado por “*A hora e a vez do português brasileiro*” sem data específica de publicação, mas que se encontra disponível no Museu de Língua Portuguesa, faz uma discussão sobre a formação do PB. A primeira concepção abordada está envolvida com a ideia de que o Português brasileiro modificou-se a partir da evolução biológica do Português Europeu. O que, através da sociolinguística, mostrou ser uma concepção errônea, pois a língua é algo social e não biológico.

O que nos interessa de fato é segunda e terceira concepções explanadas por Castilho (s.d), já que são concernentes com as duas teorias distintas, defendidas pelos autores mencionados anteriormente.

Na segunda concepção, Castilho (s.d) fala sobre a teoria de um PB derivado de uma linguagem crioula.

Quando falantes de línguas diferentes se encontram, movidos por interesses apenas comerciais, eles desenvolvem espontaneamente uma língua de emergência, bastante rudimentar, denominada **pidgin**. A própria palavra pidgin já resulta desse interesse econômico, pois é uma alteração do Inglês *business*, “negócio”. Caso os contatos [sic] comerciais se consolidem, o **pidgnin** [sic] muda de figura, torna-se mais complexo, mais apto a melhorar a comunicação, e aí evolui para um **crioulo**. (Castilho, s.d, p. 36 grifos nossos).

De acordo com esta perspectiva, os primeiros africanos ao serem obrigados a viver em terras brasileiras, devido ao período escravista, tiveram que construir de início uma espécie de língua adaptativa, de um português básico, denominada por pidgin. Após essa fase, este pidgin, já consolidado, assume características mais profundas e diferenciais. Tornando-se assim, uma linguagem crioula. Não obstante, esta linguagem crioula já estruturada, começa a interferir no PB.

Guy (1981) citado por Castilho (s.d) reforça a teoria da base crioula na formação do PB. Porém, existiam e ainda existem teóricos que não concordavam ou concordam com a teoria defendida por Guy. Finalmente, Tarallo (1986) argumenta que:

[...] A hipótese crioula não deveria "*permanecer em nossa agenda*", pois o PB em seu processo de mudança não se aproxima do PE. Se tivéssemos tido um crioulo no Brasil, a europeização do país ocorrida no sec. XIX teria desencadeado um processo de descrioulização, e hoje estaríamos falando como os portugueses – o que vem acontecendo em algumas ex-colônias africanas. (Castilho apud Tarallo, s.d, p. 37).

De acordo com este argumento, não faz sentido defender o crioulo do PB, pois no momento em que o país recebeu um número considerável de imigrantes europeus no século XIX, haveria a descrioulização como está ocorrendo em algumas áreas africanas, como Cabo Verde, por exemplo. O que não é constatável, o que significa que houve sim uma contribuição africana, mas não uma criouloização.

A terceira concepção abordada por Castilho (s.d) defende a primeira teoria citada neste tópico, isto é, a constituição do PB, com suas múltiplas facetas, como “fruto” de uma tendência natural do PE. As mudanças são vistas como algo natural, já ocorrente na Península Ibérica, na fase arcaica da língua.

Sucintamente, é verossímil concluir que a questão da formação do PB ainda é muito polêmica e contraditória entre os linguistas. Contudo, este trabalho não tem como finalidade defender uma das teorias, mas expô-las e discuti-las, para assim, mostrar através da pesquisa sociolinguística que as variações existem, e que elas são significativas, pois diferencia a nossa língua do PE.

1.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: A NORMA PADRÃO E AS “MULTI-VARIEDADES” LINGUÍSTICAS

No tópico 1.1 foi discutida a sociolinguística pautada na teoria variacionista de William Labov, ao mesmo tempo em que se discutiram os estudos realizados pelo mesmo e o papel que estes estudos assumem no campo sociolinguístico. Foi visto ainda, que as pesquisas de Labov demonstraram o encadeamento existente entre a sociedade e a língua, como fatores condicionadores da mudança ou variação linguística. O item 1.2, por sua vez, tem como o PB com a finalidade de mostrar diferentes concepções sobre os fatores que provocam o distanciamento entre o PB e o PE.

Percebe-se, portanto que, enquanto o primeiro tópico está voltado para a explanação da teoria variacionista, o segundo foca, mais especificamente, na variação do PB. Não obstante,

ambos direcionam-se a uma linha de conhecimento que defende a mutabilidade² da língua. É sabido, pois, que a língua é heterogênea e que os critérios sociais desempenha um papel fundamental na sua constituição. Contudo, não foi discutido, de forma aprofundada, como a sociedade lida com as múltiplas variáveis linguísticas, mais especificamente a sociedade brasileira.

Cavelt (2002), no livro intitulado por “Sociolinguística: uma introdução crítica” mostra que a língua desde muito tempo é alvo de preconceitos e estereótipos³ e menciona, como exemplo, Carlos V que utilizava a língua alemã para se comunicar com os cavalos, o francês com os seres humanos e o espanhol para falar com Deus. Já na Grécia antiga, todo aquele que não era falante do grego era considerado “bárbaro”, não, no sentido de estrangeiro, mas com a semântica pejorativa de “pouco inteligente”, “sem conhecimento”, “alguém inferior” (BAGNO, 1999).

A partir destas afirmações, podemos constatar que o preconceito se fez, e ainda se faz presente na língua, de forma muito enraizada, desde os períodos mais antigos da civilização humana.

Tal preconceito, além de ser constatável entre diferentes línguas, pode também, ser detectado numa única língua, através das inúmeras variedades que ela aporta. A referir à sociedade brasileira, que carrega desde o período colonial o preconceito sobre as variedades que não pertencem à elite. Afinal, “como nossa sociedade surgiu de um processo colonial que durou, oficialmente, 322 anos – contra apenas 190 de nação independente – as marcas desse processo ainda estão muito presentes na nossa cultura” (BAGNO, 2013, p. 26).

Existe ainda, a ideia de que a língua brasileira precisa ser uma representação fiel do PE, e que, portanto deve seguir a norma padrão⁴ instituída pela sociedade, aquela que está

² A mutabilidade da língua pode ocorrer no âmbito diacrônico ou sincrônico. De acordo com Weedwood (2002, p. 12) “Uma descrição sincrônica de uma língua descreve esta língua tal como existe em dada época. Uma descrição diacrônica se preocupa com o desenvolvimento histórico da língua e com as mudanças estruturais que ocorreram nela. Hoje em dia, no entanto, essas duas abordagens estão cada vez mais em convergência, e muitos estudiosos até consideram impossível separar o sincrônico do diacrônico.”

³ De acordo com Labov (2008), estereótipos são formas que passam por um processo de rotulação social com destacável ênfase. Ou ainda, “os **estereótipos** – são traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir a mudança linguística rápida e a extinção da forma estigmatizada. Outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros” (COELHO *et al*, 2010, p. 33, grifo da autora).

⁴ “A norma padrão é aquele modelo ideal de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola.” (BAGNO, 2008, p. 22). Ou ainda, um “conjunto de regras prescritivas, inspirado no uso literário de alguns poucos escritores do passado considerados como exemplares e como modelos a ser imitados. Ela também se inspira na gramática do latim clássico, rejeitando os usos de formas herdadas do latim que não correspondam aos usos que os falantes de latim clássico faziam dessas mesmas formas linguísticas. Tradicionalista, elitista e conservadora, essa norma-padrão leva muitíssimo tempo para acolher inovações linguísticas e, mesmo assim, somente aquelas que podem ser encontradas na obra de escritores que acabam por se consagrar como nomes

explícita em muitas das nossas gramáticas, mas que pouco condiz com o contexto histórico e social do país. Este é um dos muitos mitos acerca da língua e devido a ele toda variante que se distancia da norma imposta por um pequeno grupo social é considerada um “desvio”, um “erro” imperdoável, apesar dos estudos sociolinguísticos provarem o contrário. Até porque, nem mesmo Portugal utiliza tudo que a norma determina, tendo em vista que a própria norma expressa um conjunto de regras que se aproxima da variedade usada por um grupo restrito da sociedade portugalense antiga (BAGNO, 1999; 2002; 2013).

Em síntese, as variedades que “ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34). Não há, portanto, uma variedade melhor do que outra do ponto de vista linguístico, já que a supervalorização de uma variedade em detrimento de muitas outras ocorre sob o âmbito puramente ideológico.

Por conseguinte, faz-se necessário desconstruir os falsos mitos (falsas ideias) existentes acerca do PB, para que a igualdade linguística possa ocorrer de forma plena na nossa sociedade. Tais mitos são mencionados por Bagno (1999) na obra *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*, entre alguns deles estão:

- O mito da unidade linguística;
- O mito que associa o brasileiro como alguém que não sabe falar a própria língua, ao contrário do europeu;
- A ideia de que a língua Portuguesa é muito difícil;
- A ideia de que as pessoas que não possuem um alto grau escolar utilizam a língua de forma errada;
- A concepção que enxerga a fala como algo que precisa estar submissa à escrita.

No que se refere ao mito da unidade linguística, podemos afirmar que tal unidade não existe, já que ficou claro que o PB apresenta inúmeras diferenças do PE, mesmo que tais diferenças, geralmente, não sejam reconhecidas devido ao caráter homogêneo já mencionado, que é atribuído à língua. Quanto à ideia de que o brasileiro não sabe falar português podemos alegar que esta informação é falsa, pois o que ocorre na verdade, é que temos regras

importantes do cânone literário. Além disso, ela vem atrelada a uma doutrina gramatical pré-científica, baseada nos postulados dos gramáticos da Antiguidade Clássica e, por conseguinte, refratária a novas análises teóricas advindas das ciências da linguagem contemporâneas”. (BAGNO, 2013, p. 200).

linguísticas diferentes de Portugal e que temos regras normativas não dominadas por toda a nação brasileira (BAGNO, 1999; BORTONI-RICARDO, 2004.).

Outro mito existente está interligado à idealização de uma língua portuguesa muito difícil de dominar. O que não é coerente, afinal, a dificuldade não está em dominar a língua materna, mas em decodificar as regras normativas, logo que as mesmas mais se aproximam do contexto europeu, do que do contexto brasileiro (BAGNO, 1999).

Existe ainda um perigo alarmante ao afirmar que a variedade utilizada por pessoas de menor instrução escolar são “erros” da língua, como já foi mencionado anteriormente. Para melhor exemplificar esta questão, podemos destacar uma passagem ocorrente na novela sociolinguística de Bagno (2008) em que a professora aposentada Irene dialoga sobre a variedade utilizada pela sua empregada Eulália com a estudante de pedagogia Emília. A fazer assim a seguinte afirmação:

- A fala da Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa, só isso – explica Irene.
- Para mim é errado – diz Emília.
- É errado dentro das regras da gramática que se aplicam ao português que você fala – diz Irene – Mas na variedade não padrão falada pela Eulália essas regras não funcionam (BAGNO, 1997, p.15).

O português representado pela personagem Eulália é muito ocorrente nas variedades utilizadas por pessoas pobres e de baixo índice escolar, por isso são tão estigmatizadas e consideradas como “erros”. Consequentemente, ou há, falta de conhecimento sobre a língua, ou o conhecimento sobre ela é ignorado por parte dos preconceituosos. Tendo em vista que, pessoas como a personagem Eulália carregam um conhecimento gramatical diferente do que prediz à norma padrão, mas não são erros, simplesmente as regras normativas não condizem com a realidade linguística desses falantes.

A propósito, existem fenômenos encontrados no **Português padrão** e no **Português não padrão** representado pela personagem Eulália que sofreram o mesmo procedimento histórico para a sua constituição, a mencionar o rotacismo que em ambas as modalidades linguísticas deixaram o seu legado, a sua marca. A citar, as palavras do PPA como escravo/sclavu; praga/plaga⁵ etc, que já estão consagradas pelo uso padrão e as palavras do

⁵ Os termos **escravo/sclavu** e **praga/plaga** mostra a mudança ocorrida na língua, pois enquanto o termo **sclavu** e **plaga** referem-se a uma variedade da língua ainda no Latim, **escravo** e **praga** referem-se à variedade atualmente utilizada pela sociedade brasileira. Variedade esta, aceita pela NP. Enquanto termos como **Craúdia** e **prantá** são taxados de “erros”, quando na verdade estão seguindo o contexto mutável da língua. Afinal ambas as palavras trocam o /L/ pelo /R/. A diferença é que **Craúdia** e **prantá** são faladas, em geral, por pessoas humildes economicamente, sem grande status social.

PNP *Craúdia/Claúdia*, *prantá/plantar*, entre outros, que são avaliadas de forma altamente negativa. O que não é coerente, afinal de contas, uma vez que todas as palavras mencionadas fazem parte do mesmo fenômeno. O que as diferenciam, na verdade, é mais uma vez o caráter ideológico da sociedade contemporânea (BAGNO, 1999).

Em conclusão, podemos dizer que falantes como a personagem Eulália estão no mesmo patamar que os defensores da NP, ao menos do ponto de vista sociolinguístico. Dado que, uma das contribuições deste campo de estudo sociovariativo é exatamente revelar dados que possibilitem desmascarar os julgamentos errôneos que se perpetuam através do *preconceito linguístico* (BAGNO, 1999; 2000; COELHO *et al*, 2010). Ao falar em julgamento errôneo, conseqüentemente lembramo-nos da dicotomia ainda existente acerca da fala e da escrita.

De acordo como Marcuschi, em entrevista realizada pelo Ceel-UFPE-Parte 1, a fala é vista por muitos, como um elemento dependente da escrita, quando na verdade ambas são representações distintas da língua, cada uma com suas especificidades. É fundamental, pois, dar a fala autonomia necessária e compreender que a escrita é importante, mas que a oralidade também o é. E que as duas sofrem mutações, a diferença é que na oralidade ela ocorre de forma mais intensa e já na escrita o processo é um pouco mais lento, devido ao seu caráter altamente conservador (CHAGAS, 2006). Conservadorismo este, que se faz presente desde o período dos estudos realizados pelos filólogos Alexandrinos, afinal, tais estudiosos, ainda segundo Bagno (2013), se apegavam demasiadamente na representação escrita da língua, mais especificamente na língua literária. Ao estudarem a língua, eles perceberam que nela havia mudanças, mas ignoraram estas variações e atribuíram a elas um peso negativo que perpassa até hoje. Além do mais, acreditavam ainda que a língua oral era caótica, exatamente por não seguir os parâmetros da escrita.

Observe como é incoerente o mito da fala como representação da escrita, tendo em vista que o homem tem cerca de um milhão de anos e conseqüentemente fala desde esse período, enquanto a escrita tem aproximadamente nove mil anos de existência (BAGNO, 1999). Ou seja, a sociedade precisa abandonar esta concepção antiquada sobre a língua. É necessário mostrar não somente na escola, que a fala e a escrita são duas modalidades diferenciadas de expressão da língua e que, portanto, variações específicas de algumas regiões, classes sociais e faixas etárias são válidas e que a escrita faz-se necessário para que a língua tenha um sistema gráfico compreensível por todos.

Ou ainda, mostrar que a escrita representa a língua por símbolos gráficos, enquanto a fala faz uso de elementos fônicos na representação da língua, eis um motivo também para

afirmar que a segunda não representa a primeira. Logo, “a escrita, apesar de ser um registro permanente de conhecimentos não deve ser usado como instrumento de tortura” (BAGNO, 1999, p. 84). Faz-se necessário que haja harmonia e equilíbrio entre a fala e a escrita em todas as esferas sociais.

Para alcançar a harmonia e o equilíbrio mencionados é preciso conhecer a fonética da língua pesquisada, pois a mesma contribui significativamente com os estudos sociolinguísticos. Afinal, o objeto de trabalho do sociolinguista é, em especial, a variação sonora em conjunto com os contextos sociais em que ocorrem.

Dado esta informação, o tópico a seguir fará uma explanação mais específica acerca da teoria fonética e a importância da sua aplicação no campo sociolinguístico.

1.4 FONÉTICA: CONCEITO E APLICAÇÃO

Conforme os estudos teóricos de Callou e Leite (2009) a Fonética por muito tempo foi confundida com a Fonologia, entretanto as dicotomias de Saussure iniciaram um olhar mais seletivo entre as duas ciências. Foi a partir dos estudos desenvolvidos pela Escola de Praga, que Fonética e Fonologia assumiram conceitos distintos, a construir assim, a ideia de que ambas complementam-se, porém, cada uma desempenha um papel específico no estudo da língua. Ou ainda, como afirma Cagliari e Cagliari LC (2001, p. 105) “[...] a Fonética e a Fonologia são as áreas da Linguística que estudam os sons da fala. Por terem o mesmo objeto de estudo, são ciências relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomado de pontos de vistas diferentes, em cada caso”.

Enquanto a Fonética articulatória estuda os sons da fala, do ponto de vista físico e articulatório, a Fonologia, por sua vez, preocupa-se com a semântica produzida pela substituição de um fonema por outro.

A fonética se distingue, pois, da fonologia pelo fato de considerar os sons independentemente de suas oposições paradigmáticas — aquelas cuja presença ou ausência importa em mudança de significação (pala: bala: mala: fala: vala: sala: cala: gala etc.) — e de suas combinações sintagmáticas, ou seja, os seus arranjos e disposições lineares no contínuo sonoro (Roma, amor, mora, ramo etc.) (CALLOU e LEITE, 2009, p. 11).

Em síntese, a Fonética tem como objetivo descrever qualquer som (fone) de uma língua específica, enquanto a Fonologia se restringe aos sons (fonemas) que produzem diferenciações semânticas, no eixo paradigmático e sintagmático da língua.

[...] Enquanto a Fonética é basicamente descritiva, a Fonologia é uma ciência explicativa, interpretativa; enquanto a análise fonética se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala, a análise fonológica busca o valor dos sons em uma língua – em outras palavras, sua função linguística (CAGLIARI e CAGLIARI. LC, 2011, p. 106).

Isto significa que, a Fonologia tem como objeto de estudo apenas os sons que desempenham uma função específica na língua, função esta, capaz de distinguir significados. Já a Fonética apresenta como função principal, a análise, a observação, a descrição e transcrição dos fenômenos fonéticos encontrados em um determinado sistema linguístico (CRISTÓFARO, 2005).

É preciso ressaltar ainda que, quanto a esta última ciência mencionada, Hora (2009) através do seu estudo sobre Fonética e Fonologia deixa claro a importância dela para os estudos linguísticos, ao mencionar que sem o conhecimento fonético, inúmeros profissionais não conseguiriam desempenhar a sua função de forma tão eficaz, a citar, por exemplo, os professores de língua materna ou estrangeira, que precisam conhecer bem o sistema fonético da língua a ser ensinada, além dos fonoaudiólogos, que também precisam fazer uso da Fonética, para melhor atender os seus pacientes. Além desses critérios, Cristófaró (2005) acrescenta ainda alguns benefícios proporcionados por tal ciência, a referir os tradutores que necessitam conhecer a Fonética da língua a ser traduzida e os atores, que muitas vezes precisam fazer uso dos artifícios dessa ciência para eliminar características que não condizem com o personagem, como o sotaque por exemplo.

Não obstante, o fator mais importante mencionado por Cristófaró (2005) acerca do estudo fonético envolve o processo variável da língua. Este processo, muitas vezes, é visto com certo preconceito. Por não haver um estudo adequado pautado na Fonética, o país vivencia incompreensões e exclusões, o que resulta em um mal **“planejamento linguístico-social”** (CRISTÓFARO, 2005, p. 21, grifos da autora).

A transcrição e o estudo das variáveis fonéticas servem, portanto, para desconstruir a falsa ideia de superioridade linguística, há muito já enraizada no nosso país, o que auxilia a Sociolinguística, já que ambas contribuem com a Teoria Variacionista da língua.

Para melhor compreender o sentido de transcrição, Seara e Gonzaga *et al* (2011) alegam que transcrever foneticamente está relacionado com a capacidade que um determinado indivíduo tem de transpor, por meios de símbolos, os sons eminentemente orais. Além de fazer uso dos símbolos, a fonética também utiliza colchetes – [] – para demonstrar que se está a fazer uso de uma transcrição fonética e não fonológica.

Cagliari e Cagliari LC (2011, p. 131-132), por conseguinte, auxiliam também na compreensão do sistema “transcritivo”, ao mencionarem que:

A transcrição fonética depende de uma tradição, segundo a qual o que ouvimos é representado, entre colchetes, em termos de segmentos chamados consoantes ou vogais. Os foneticistas não usam dados de línguas particulares para definir o valor dos segmentos, mas as possibilidades articulatórias do homem. Assim, qualquer som que pode ser um fonema ou um alofone em uma língua será representado por um símbolo próprio.

Para representar esses sons foneticamente, utiliza-se em geral o IPA (Alfabeto Fonético Internacional). Este alfabeto foi criado em 1888, por foneticistas, como fruto da Associação Fonética Internacional (AFI) constituída em 1886 (Silva, 2012). Como foi mencionado na citação anterior de autoria de Cagliari e Cagliari LC (2011), cada símbolo instituído pelo IPA representa um único som linguístico. Portanto, o IPA contribui para que todo falante conhecedor desse sistema fonético possa compreender o som de qualquer língua (CALLOU E LEITE, 2009, HORA, 2009).

Vale ressaltar ainda que, os foneticistas perceberam que o sistema fonético é maior que os grafemas disponíveis na língua. Portanto, foi necessário instituir outros símbolos, além do Alfabeto Romano para representar o sistema oral das múltiplas sociedades de falantes, como alguns elementos do Alfabeto Grego, por exemplo. (SILVA, 2012).

Outra característica marcante que molda o sistema de aplicação da fonética em qualquer pesquisa linguística refere-se às unidades distintivas que constitui cada som. Isto é, ao se fazer uma pesquisa baseada na teoria variacionista, como aqui se propõe, é aprazível que se tenha conhecimento de elementos, como o aparelho fonador, o vozeamento, a vibração, a passagem do ar, o ponto de articulação etc., já que estes elementos influenciam nas variações linguísticas, juntamente com os fatores extralinguísticos, aprofundados no tópico anterior (CALLOU E LEITE, 2009; CRISTÓFARO, 2005; HORA, 2009; SEARA e Gonzaga *et al*, 2011).

Em suma, de posse do conhecimento teórico e prático da Fonética, o estudioso da língua pode fazer uso do IPA para representar os fenômenos fonéticos encontrados na área pesquisada. Logo, conclui-se que os estudos fonéticos apresentam uma relevância considerável, tendo em vista que a partir dele é possível documentar os fenômenos detectados na região analisada, através do processo de transcrição, já explicitado anteriormente.

2. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é detectar fenômenos fonéticos no Sítio Arisco, mais especificamente, situado na cidade, paraibana, de Lagoa de Dentro, e analisar através de estudos teóricos até que ponto os fatores externos condicionam as mudanças na língua e como elas são recebidas pela sociedade, ao mesmo tempo em que temos como plano secundário discutir as duas concepções da formação do PB, a primeira concentrada no Latim e a segunda no Africano. Nos propusemos primeiramente a fazer uma pesquisa bibliográfica acerca da teoria variacionista iniciada por Labov e a importância dos seus estudos para o campo sociolinguístico. Assim, como buscamos abordar teorias relacionadas à formação do PB, sem, no entanto, haver um posicionamento direcionado para uma das duas, mas como pano de fundo para discussão da variação linguística. Foi preciso, ainda, fazer uma breve discussão do papel da Fonética no contexto sociolinguístico. Por fim, abordar teses e trabalhos científicos fundados em pesquisas sociolinguísticas, de forma a dar subsídio teórico para a pesquisa em campo realizada.

A comunidade abordada não dispõe de muitos recursos culturais, nem tão pouco de trabalhos científicos que estude o local, por isso utilizamos como principais fontes de informações as entrevistas realizadas com os falantes, especialmente com os moradores mais antigos da localidade, visto que, estes conhecem a história local de forma mais intensificada e preservada. Entrevistas estas que se uniram à pesquisa bibliográfica para alcançar o objetivo final da referida pesquisa. Constatamos apenas uma monografia que relata dados sobre a pequena cidade, intitulada “Avaliação do assoreamento da lagoa da cidade de Lagoa de Dentro-PB⁶” escrito por Benites Goulart Morais da Costa (2010).

Foram realizadas em torno de 5 horas de gravação, com aproximadamente um mês e meio para recolher o material, tendo em vista que nem sempre os falantes tinham disponibilidade de gravar e auxiliar na pesquisa. Foi preciso, portanto, esperar o tempo adequado, o momento em que o diálogo entre entrevistador e entrevistado pudesse ocorrer de forma harmoniosa.

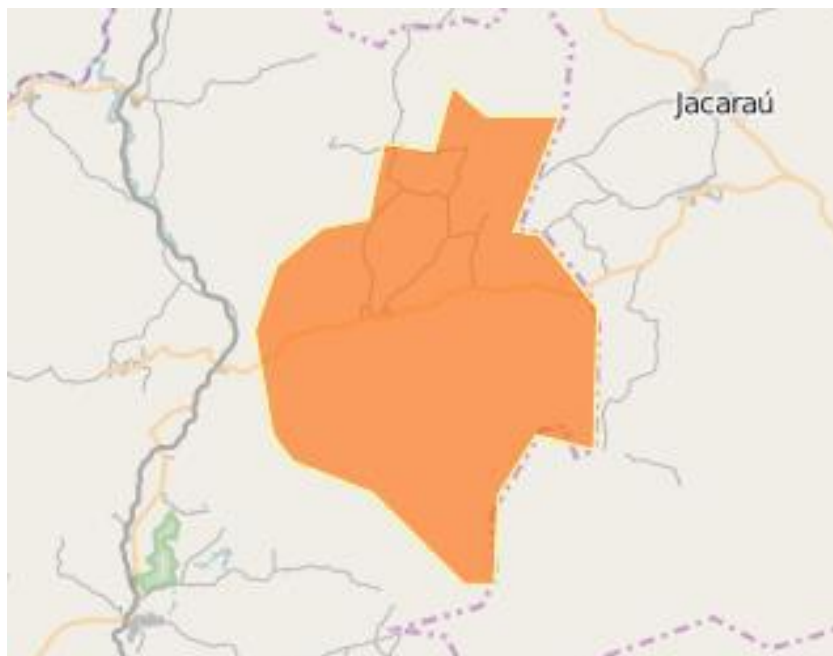
2.1 Perfil do espaço

O sítio Arisco localiza-se aproximadamente a 1 km da cidade de Lagoa de Dentro e contém cerca de 30 famílias a habitar o local. A área rural faz parte do município de Lagoa de

⁶ A sigla PB refere-se ao estado paraibano e não a sigla utilizada no trabalho para nomear o Português brasileiro.

Dentro-Paraíba, que assim como o sítio Arisco apresenta uma população pequena se comparado com outras cidades paraibanas. De acordo com o censo do IBGE (2010), Lagoa de Dentro conta com 7.370 habitantes, com renda mais agropecuária do que industrial. Tem como microrregião a cidade de Guarabira e como mesorregião o agreste paraibano (COSTA, 2010, p. 23) e fica a 75 km da capital paraibana.

O IBGE afirma que o município de Lagoa de Dentro já contava, em média, com 10 a 12 casas no ano de 1880. Ao longo das décadas o município cresceu, conquistando a independência em 1961 quando deixou de ser distrito do município de Caiçara, através da lei estadual nº 2614, de 11-12-1961.



Mapa 1. Localização geográfica de Lagoa de Dentro-Paraíba Fonte: IBGE (Censo 2010)

Diante das informações, podemos perceber que os estudos acerca de Lagoa de Dentro são bastante reduzidos, sobre o sítio Arisco por sua vez ele inexistente até então. Portanto, o que podemos afirmar sobre o sítio é o que os moradores mais antigos transmitiram através da pesquisa. A citar, por exemplo, o nome do local que, segundo a informante R.A. E, tem o nome de *Arisco*, porque é um lugar muito arenoso ou ainda, para a segunda versão assumida, mas não tão propagada, *Bairro São José*, a referida falante afirma que se deu tal nome porque o local pesquisado é mais populoso e mais próximo do sistema urbano que os demais locais do sítio Arisco e como há muitos moradores chamados “José”, acabou que alguns passaram a

chamar o espaço da vila no sítio de “bairro” e ainda de “bairro São José” como homenagem a grande demanda de moradores com este nome. É um local bastante recente, com cerca de dez anos de formação apenas, isto a nos referir ao espaço da vila, não ao do sítio Arisco por completo que é bem mais abrangente.

No sítio Arisco a população vive, em sua grande maioria, da agricultura de subsistências, com exceções de alguns que trabalham em cargos públicos ou em empresas privadas. Os principais produtos cultivados na localidade são a macaxeira, milho, feijão e batata.

Quanto ao critério cultural, à comunidade dispõem de pouquíssimos recursos de lazer, os únicos que possuem são apenas os próprios recursos naturais, como lago para nadar e pequeno espaço para jogar bola.

As crianças do local costumam se divertir com as brincadeiras tradicionais como pique-esconde, pular corda e jogar bola de gude.

O único evento festivo na localidade ocorre em Junho, onde alguns moradores se reúnem e realizam pequenos bailes e fazem comidas típicas, por causa das festas dedicadas ao santo católico “João”.

No que concerne à religiosidade, podemos alegar a existência de pessoas católicas, evangélica e espíritas. Entretanto, como não há uma igreja ou centro de realização das práticas religiosas, não há muita manifestação das crenças deste povo no local, já que as reuniões ocorrem geralmente na área urbana (Lagoa de Dentro-PB), com exceção de algumas visitas e ações sociais promovidas pela sede católica da cidade, como o “sopão” e a pesagem das crianças.

No quesito infraestrutura, constatamos que o local não possui água encanada, nem tão pouco rede de esgoto, contudo, a coleta de lixo ocorre duas vezes por semana e a prefeitura disponibiliza carros pipas para o abastecimento da população.

2.2 Perfil dos informantes

Nossa pesquisa é formada por 13 informantes que em sua grande maioria reside no local desde a formação da vila, ou quando não, é natural de outras áreas do município de Lagoa de Dentro-Paraíba.

Foram escolhidos apenas treze falantes devido ao fato de que, nem todos os moradores se disponibilizaram a contribuir com o estudo realizado, ao mesmo tempo em que, o número de informantes foi suficiente para alcançar os objetivos da pesquisa.

Seguindo a teoria laboviana, optou-se pela escolha de falantes que apresentam faixa etária, sexo e escolaridade diferenciada.

A tabela a seguir mostra as iniciais dos nomes dos falantes, o sexo, a idade e a escolaridade.

INICIAIS DO NOME	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
1. A.L. S	Masculino	47	Analfabeto
2. J.A. S	Masculino	49	Analfabeto
3. J.F. S	Feminino	12	Fundamental I
4. J.L.F. S	Masculino	13	Fundamental I (cursando)
5. L.S. S	Feminino	15	Fundamental II (cursando)
6. M.D. C	Feminino	35	Médio
7. M.F. S	Feminino	44	Fundamental I (incompleto)
8. M.W.F. S	Feminino	15	Fundamental II (cursando)
9. N.C. S	Masculino	15	Médio (cursando)
10. N.C.C. S	Feminino	13	Fundamental II (cursando).
11. R.A. E	Feminino	50	Médio
12. R.E. S	Feminino	24	Superior (Letras)
13. S.G	Masculino	33	Analfabeto

Tabela 1. Iniciais, sexo, idade e escolaridades dos falantes entrevistados. Fonte: autora.

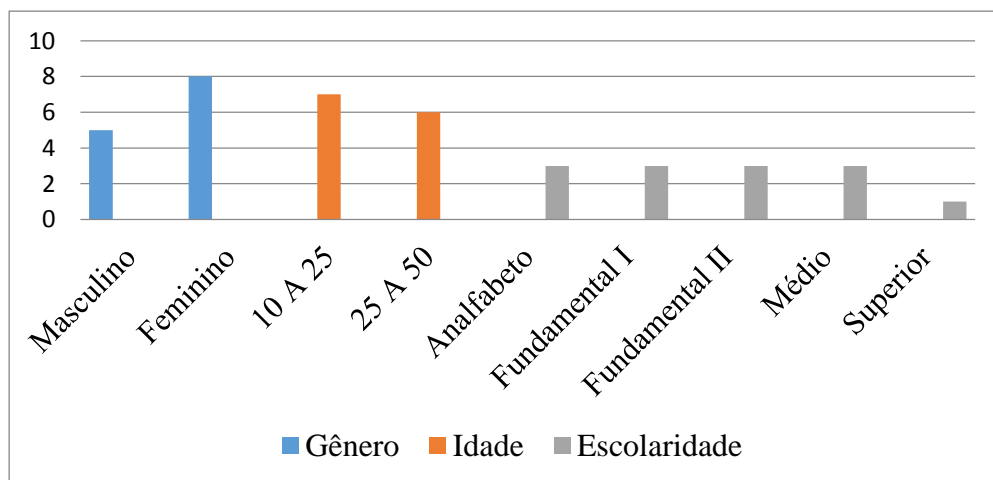


Gráfico 1 – Distribuição dos informantes na modalidade gênero, idade e escolaridade. Fonte: autora.

O gráfico e a tabela especificam cada tipo de falante conforme idade, sexo e escolaridade. Podemos constatar que o conjunto de falantes é constituído mais por mulheres do que por homens, com pessoas mais jovens e com escolaridade na mesma proporção (3 para cada nível), exceto o nível superior que foi mais difícil de encontrar na comunidade, por isso, temos apenas um falante como representante desse grupo.

Todos estão inseridos na classe baixa e no contínuo rural, já que vivem com até um salário mínimo e moram na área rural do município.

2.3 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de gravações que, como já foi mencionado, foi de aproximadamente 5 horas, durante cerca de um mês e meio, tendo em vista a disponibilidade do informante.

Antes de iniciar as gravações, o falante foi conscientizado sobre a importância da pesquisa para o conhecimento da realidade do sítio Arisco. Esperou-se o momento certo e oportuno para a realização de cada gravação, para que a espontaneidade do diálogo não fosse corrompida pela tensão da gravação, afinal, é muito comum sentir-se tenso diante de um diálogo gravado e este é um dos principais problemas do pesquisador da sociolinguística (TARALLO, 1986 p. 21). Para diminuir a tensão, elaboraram-se questionários que refletem a realidade da comunidade e que envolvem temáticas discursivas já conhecidas por eles.

Ao final da pesquisa os falantes foram informados acerca do uso das gravações para os referidos estudos, em busca da devida autorização. Não nos propusemos a fotografar, tendo em vista que os informantes não autorizaram o uso de fotografias por preservação pessoal.

Utilizamos como material de pesquisa a ficha do informante (dados básicos), o questionário sociocultural (dados específicos) e um gravador de voz digital Sony Px312, além do bloco de anotações.

Inicialmente os falantes foram entrevistados, em seguida, preencheu-se a ficha do informante com seus dados básicos. Logo após, realizou-se a entrevista baseada no questionário elaborado previamente, que abrange aspectos sociais, culturais, econômicos e estruturais do sítio Arisco.

Após finalizar as entrevistas, o material foi salvo no notebook e em CD-ROOM para análises posteriores. Essas análises foram ouvidas no programa Windows Media Player e logo em seguida transcritas ortograficamente e separadas em pastas específicas do Word 2013.

Depois da transcrição ortográfica completa buscou-se recortar o áudio concernente ao fenômeno fonético almejado, para transcrições fonéticas logo a seguir.

Por fim, fez-se a contagem dos fenômenos encontrados em cada modalidade e por falantes específicos. A contagem foi distribuída no Word 2013 e transformada em gráficos na modalidade pizza e linhas, através do programa Excel.

3. FENÔMENOS FONÉTICOS COLETADOS NO SÍTIO ARISCO

Mediante o aparato teórico de Labov, Bagno e outros é possível afirmar que a língua é mutável e que nem sempre esta mudança é aceita positivamente pela sociedade. Cabe neste capítulo, portanto, mostrar por meios de dados quantitativos as variantes coletadas no Sítio Arisco e o peso social atribuído a cada uma delas, assim como explicar através das duas teorias debatidas acerca da formação do PB que “[...] tudo que é classificado tradicionalmente de ‘erro’ tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável” (BAGNO, 2002, p. 72). Ou seja, as variáveis estigmatizadas têm explicações coerentes na história da língua, para os supostos “erros” atribuídos pela sociedade.

As variantes encontradas no Sítio Arisco são causadas por fenômenos fonéticos conhecidos como metaplasmos, que conforme Bagno (2007, p. 8) “[...] é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta”. Isto significa que tal fenômeno causa modificações na língua, tanto no aspecto estrutural, quanto no fonológico. Modificações que podem ocorrer no início ou no final das palavras, ou ainda na troca do posicionamento de certos sons que compõem a palavra (LIMA, 2014). Eles podem ocorrer de diferentes maneiras, a referir o metaplasmo por supressão, por acréscimo, por transposição e por transformação (BAGNO, 2007).

Nesta pesquisa, serão mostrados dados linguísticos referentes ao Metaplasmo por Supressão e ao Metaplasmo por Transformação. Portanto, Metaplasmos por Acréscimo e Metaplasmo por Transposição não foram objetos de estudo desta exploração científica.

3.1 METAPLASMOS POR SUPRESSÃO

Conforme Botelho e Leite (2005, p. 4) “os metaplasmos por supressão ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo.” Isto significa que há uma mudança na língua, por meio da omissão de um representante sonoro que compõe determinada palavra. Vale ressaltar que, esta supressão pode ocorrer no fim, no início ou meio da palavra

(BAGNO, 2007). E ainda, conforme a posição em que o fenômeno ocorre, há a sua nomeação de acordo com os parâmetros sociolinguísticos.

3.1.1 Aférese

A aférese causa uma mudança na palavra, ao suprimir alguns elementos constituintes da mesma. Sobre isso, Dubois *et al* (2006, p. 29) diz que “a aférese é uma mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra”. Entende-se, portanto, que tal fenômeno faz parte dos metaplasmos por supressão, exatamente por haver esse rompimento fonético no princípio da palavra. Ainda mediado por Dubois *et al* (2006), podemos afirmar que a aférese é um processo comum não somente no PB, como em outras línguas, a mencionar o italiano.

Em solo brasileiro podemos detectar inúmeras palavras que sofrem o processo de aférese. O aludido autor, por exemplo, cita a palavra *você e senhor* como elementos característicos de tal processo, já que, em alguns contextos sociais específicos, encontramos a variante *cê e nhô* para as resignadas palavras.

Entretanto, o acervo linguístico do fenômeno não se resume apenas a estes léxicos, afinal, inúmeros outros termos foram encontrados nas entrevistas realizadas no Sítio Arisco e serão mais bem explanadas sob o viés de tabelas e gráficos, a seguir.

Não obstante, é relevante mencionar as diferentes concepções acerca da influência de um determinado povo na construção de léxicos ricos em aférese. A citar, Mendonça (2012), que reconhece no povo africano a responsabilidade da existência da aférese em solo brasileiro, devido a grande demanda de escravos trazidos para o país no período “escravatório” e declara como exemplo, as palavras [tá/está; ocê/você; cabá/acabar; Bastião/Sebastião]. Em contrapartida, Bagno (2007) menciona esta mudança já ocorrente no latim vulgar e cita alguns exemplos, como acume/gume; attonitu/tonto; episcopu/ bispo, entre outros.

Em síntese, independente da origem nacionalista deste fenômeno, ele ocorre até os dias atuais em várias esferas sociais do PB. Dessarte é imprescindível estudá-lo cientificamente

3.1.1.1 Gráficos

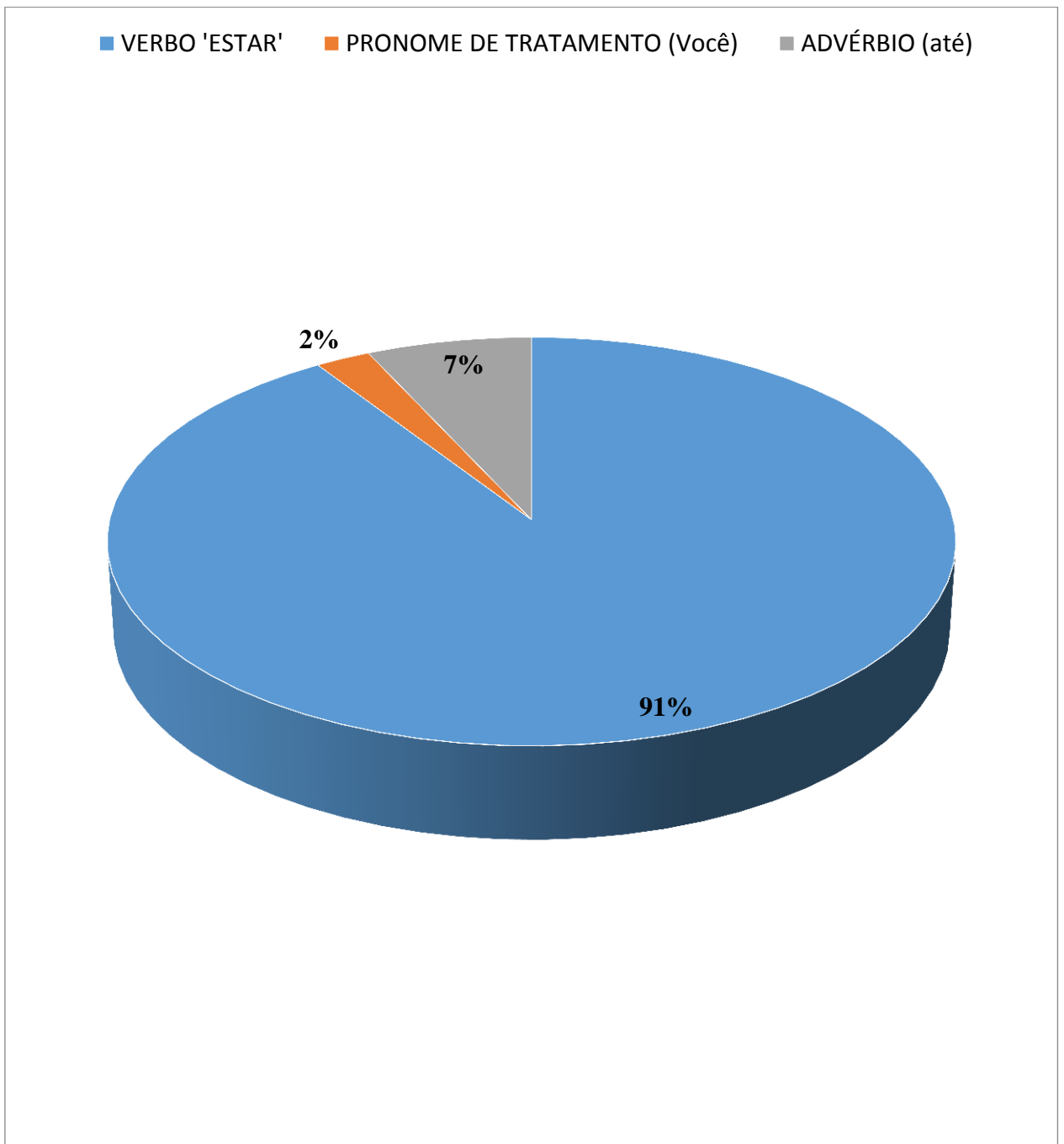


Gráfico 2- Representação dos casos de Aférese em verbos (Estar), pronome de tratamento (você) e advérbios (até). Fonte: autora.

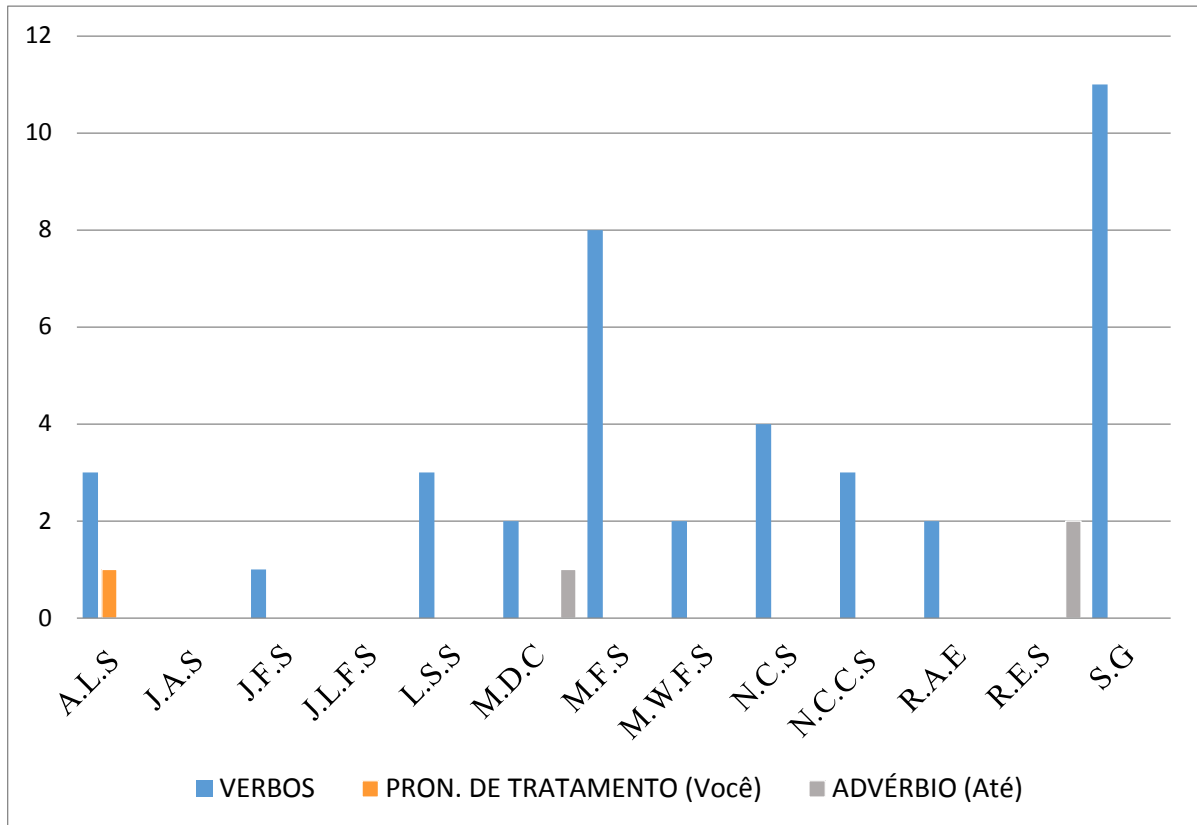


Gráfico 3 Ocorrências individuais de Aférese em termos verbais e não verbais. Fonte: autora.

Tabela 2. Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição contextualizada.

AFÉRESE				
	Vocábulo	Caso ocorren te	Transcrição fonética	Transcrição fonética em contexto frasal
Verbo “Estar”	Está	Tá (27x)	[‘ta]	[‘ta ‘ka bi’jiga]/ [‘ta presi‘zānu] (Está com a bexiga) / (Está precisando)
	Estava	Tava (7x)	[‘tava]	[‘tava Xu’i]/ [‘noys ‘nāw ‘tava ‘aki] (Estava ruim)/ (Nós não estava aqui)
	Estou	Tou (2x)	[‘tow]	[‘nāw ‘tow ‘muĩtu lē‘brada] (Não estou muito lembrada).
	Estou	Tô	[‘to]	[du‘rāti ‘esi ‘tēpu ‘kew ‘to ‘aki‘nāw] (Durante esse tempo que eu estou aqui não).
	Estão	Tão		[‘tāw plāne‘zānu]

		(2x)	['tãw]	(Tão planejando)
Advérbio “até”	Até	Té (3x)	['tɛ]	['tɛ puh 'ke 'ɛ 'zõna Xu 'raw]. (Até por que é zona rural).
Pronome de tratamento “você”	Você	Cê	['se]	['pɔdi 'nẽy ã 'da di 'pei 'ki se a 'tray 'di ka 'I]. (Pode nem andar de pés que você [...] atrás de cair).

Observações

Por intermédio dos gráficos podemos abonar que a ocorrência da aférese no Sítio Arisco deu-se fortemente em contextos verbais, mais especificamente em léxicos que constituem o verbo “Estar”. Já que no gráfico 1, temos 91% dos casos situados no verbo “estar”, apenas 2% nas formas pronominais (você) e 7% nas formas adverbiais (até). A tabela, por sua vez, nos concede informações ainda mais precisas, a mencionar a pessoa predominante do verbo “estar”, que na pesquisa concerne a 1ª e 3ª pessoa do singular, com pequena exceção na 3ª pessoa do plural.

O gráfico 3, permite ainda restringir estas ocorrências a falantes específicos. Como por exemplo, os falantes S.G e M.F. S que apresentam o maior índice de ocorrência da Aférese em contextos verbais. Com o objetivo de melhor explicar a ocorrência predominante da Aférese em contexto verbal pelos devidos falantes, podemos mencionar Naro (2007, P. 45):

Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua há apenas vinte e cinco anos [...].

Além de nos mostrar a situação temporal de determinada variante, a partir da idade do seu falante, o autor exemplifica de forma mais detalhada esta ligação entre a idade atual de um indivíduo e sua posição diacrônica linguisticamente. Isto tudo por meio de uma tabela,

onde consta que um falante de 70 anos de idade representa o estado da língua há 55 anos, enquanto o de 60 representa o estado linguístico de 45 anos atrás, e assim sucessivamente. Por fim, um falante de 20 anos representará a língua há apenas 5 anos anteriores.

Todas estas informações servem para constatar que os falantes S.G e M.F. S representam a língua entre 29 e 18 anos. Já que o primeiro tem apenas 33 anos de idade, enquanto a segunda tem 44 anos, ambos com baixo índice escolar e inserido no contínuo rural. Observe que entre um falante e outro há 11 anos de diferença, o que prova que a Aférese já ocorria a 29 anos atrás e continuou perpassando para as gerações posteriores.

A tabela revela também outros resultados com base nos dados coletados entre os demais falantes, temos o falante A.L. S (47 anos x 32 anos de EL, 03 ocorrências); J.F. S (12 anos x 00 de EL, 01 ocorrência); L.S. S (15 anos x 00 EL, 03 ocorrências); M.D. C (35 anos x 20 EL, 02 ocorrências); M.W.F. S (15 anos x 00 EL, 02 ocorrências); N.C. S (15 anos x 00 EL, 04 ocorrência); N.C.C. S (13 anos x 00 EL, 03 ocorrências) e R.A. E (50 anos x 35 EL, 02 ocorrências).

Em síntese, é possível afirmar diante dos dados que a Aférese no verbo infinitivo ocorre em todos os grupos etários, grau escolar etc. Por isso é considerado uma variação gradual⁷ por Bortoni-Ricardo (2004; 2005). O que interfere nos resultados na verdade é o grau de monitoramento dos falantes, ou seja, é o grau que mais se distancia da formalidade e o que mais se aproxima devido a situação interacional. Os falantes S.G e M.F. S simplesmente agiram de forma mais espontânea diante das gravações e não se preocuparam em monitorar a oralização do verbo estar, ao contrário dos demais falantes que preferiram transitar entre a forma padronizada e a variável, ou até mesmo não utilizaram o verbo em grande escala na pesquisa.

Enfim, é muito comum a supressão da partícula –es- do verbo “estar” no PB, tanto no contínuo rural, quanto no contínuo urbano, com maior ocorrência em contextos não formais. Não há, portanto uma “estigmatização” social ou ideológica por parte dos falantes da língua. (BORTONI-RICARDO, 2004).

Não podemos alegar o mesmo da forma adverbial “té/até e do pronome cê/você”. Isto porque, estes léxicos ainda sofrem certo desprestígio social em algumas regiões brasileiras. Apesar da variante [té] ocorrer entre falantes de grau escolar elevado⁸, ainda não é visualizado

⁷ Os [...] “traços linguísticos graduais [...] estão presentes no repertório de todos os grupos sociais, variando apenas a sua frequência [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005 P.137).

⁸ Quando o texto menciona que a variante [té] faz parte do contexto linguístico de falantes de alto nível escolar, estar a se referir da falante [R.E.S]. Para obter maiores informações consideráveis para a pesquisa sobre a

de forma positiva pela sociedade, assim como a sua outra variante “inté”, ocorrente até mesmo nos Lusíadas, e ainda assim menosprezada. Por isso, essa variação é considerada como um traço descontínuo⁹, por ter maiores ocorrências no contexto rural. (BORTONI-RICARDO, 2014).

Quanto ao [cê] pode-se declarar que, “o pronome de tratamento *você* deriva do tratamento antigo “Vossa mercê”, que obedeceu ao seguinte percurso: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > o (cê). As formas “ocê” e “cê” são muito usadas em estilos não monitorados por todos os brasileiros” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.55). Devido ao seu uso constante por parte dos diferentes tipos de falantes brasileiros, a variável compõe o grupo de traços graduais. Entretanto, apesar de não ser um traço descontínuo, não deixa de ser alvo de certo preconceito linguístico.

Na pesquisa apenas o falante A.L. S utilizou o termo “cê”, enquanto M.D. C utilizou “té” uma vez e R.E. S fez uso do “té” duas vezes. A.L. S é o mais velho dos três (47 anos), enquanto R.E. S é a mais nova do grupo (24 anos). Pode-se afirmar que o fator escolaridade/idade interferiu no resultado pronominal “você”, visto que o primeiro falante é o único analfabeto do grupo e um dos mais velhos do grupo, a segunda tem o Ensino Médio completo e a terceira o nível superior (formada em Letras-Português). Portanto, é verdade que a sua ocorrência dá-se de forma muito ampla mais o fator escolaridade aumenta ou diminui as possibilidades de se inserir no contexto conversacional do falante. Quanto aos demais falantes não foi detectado o léxico “Você” na pesquisa, nem na sua forma padrão, nem tão pouco na forma variante.

Conformes os dados referentes à ocorrência da forma adverbial “té” precisamos alegar que, mesmo diante de falantes com grau escolar elevado (Ensino Médio e Ensino Superior), ambos vivem mais no contínuo rural do que no urbano, e como alega Bortoni-Ricardo (2004), além da idade, gênero, status socioeconômico, escolaridade e profissão, temos ainda o fator eixo geográfico que influi na forma como usamos a língua, ou seja, as pessoas com quem um determinado indivíduo se relaciona socialmente também influirão na forma escolhida para expressar o léxico da sua língua materna.

Diante das informações anteriores, os falantes do eixo geográfico predominantemente rural estão a preservar uma forma (té) arcaica da língua, fenômeno típico das regiões rurais. Como já foi mencionado, podemos encontrar a forma “Inté” nos Lusíadas (1572), porém

falante, é preciso voltar ao capítulo II, onde é realizado um estudo acerca da caracterização dos informantes de forma mais detalhada.

⁹ “Os traços descontínuos marcam o repertório de grupos isolados, de raízes rurais, e são muito estigmatizados”. (BORTONI-RICARDO, 2005 P. 137).

também podemos constatar a variante “té” na obra “Os estrangeiros”¹⁰ do escritor português Francisco de Sá, o que comprova a afirmação da preservação de uma variante arcaica, utilizada na escrita da época, mais que caiu em desuso na escrita atual.

3.1.2 Apócope

Em conformidade com Bagno (2007, p. 9 grifos do autor) “a apócope é a supressão de um segmento sonoro no fim da palavra: *mare > mar; amat > ama; male > mal.*”. Ou seja, enquanto a Aférese é marcada por uma supressão inicial, a Apócope é fruto de uma supressão final.

Podemos constatar que a passagem do Latim para a Língua Portuguesa resultou em modificações consideráveis causadas por Apócope e que tais mudanças continuam a acontecer especialmente, na oralidade contemporânea.

Outro teórico que nos auxilia a compreender a Apócope na PB é Dubois *et al* (2006) por meio da postura assumida ao afirmar que a supressão do segmento sonoro no final da palavra não se restringe a um único fonema, em alguns casos, múltiplos fonemas podem ser apagados no término de um léxico específico, a mostrar assim que a quantidade de fonemas não é requisito para caracterizarmos o fenômeno, mais a posição em que ele ocorre.

O autor exemplifica também casos de apócope em outras línguas, além do PB. A mencionar, por exemplo, o inglês arcaico versus o inglês moderno (*singe/sing*) e a queda dos termos finais dos infinitivos verbais, comum nos dialetos itálicos (*cantar/cantare*), no francês (*Chanter* – ausência do – R – na pronúncia), e no PB (*cantá, vê, vendê* etc.) (DUBOIS *et al*, 2006, LIMA, 2014).

Observe que tanto Bagno (2007) quanto Dubois *et al* (2006) explicam as ocorrências da Apócope através de exemplificações preexistentes na língua latina. O que significa que as suas ideias vão ao encontro com a teoria das mutações linguísticas baseadas em ocorrências já existentes no Latim e no PE (Português Europeu).

Não obstante, temos Mendonça (2012) que se direciona para a teoria da influência africana na formação do PB. Assim como citou casos de Aférese em seu estudo, citou ainda casos de Apócope. Estes são: *general/generá; cafezal/cafezá; mel/mé; esquecer/esquecê* etc. Todos, segundo ele, de origem africana.

¹⁰ Casos de Aférese na Obra “Os Estrangeiros”: “Dês que homem nasce **té** que morre, não trata cousa de mor peso que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente. [...]”. (MIRANDA, 2001. *Os Estrangeiros*, ato 3.º, cena IV. p. 41 grifos nossos).

3.1.2.1 Gráficos

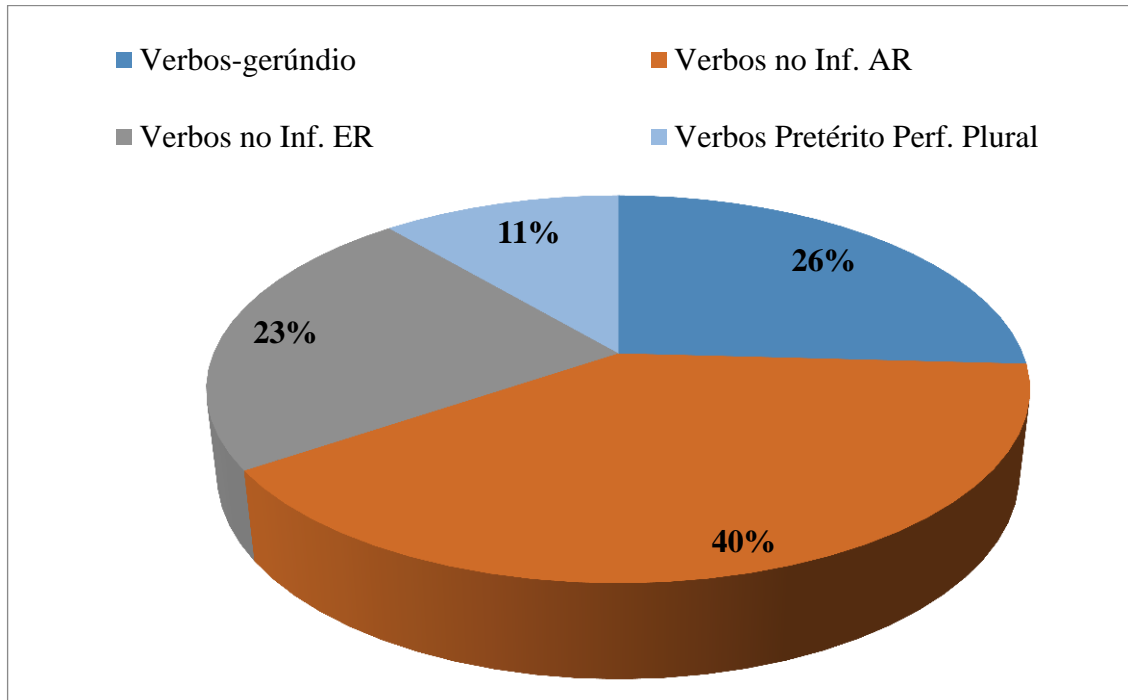


Gráfico 4- Representação dos casos de Apócope em verbos no gerúndio, no modo indicativo/1ª e 2ª conjugação e no Pretérito perfeito/ 3ª pessoa do plural. Fonte: autora

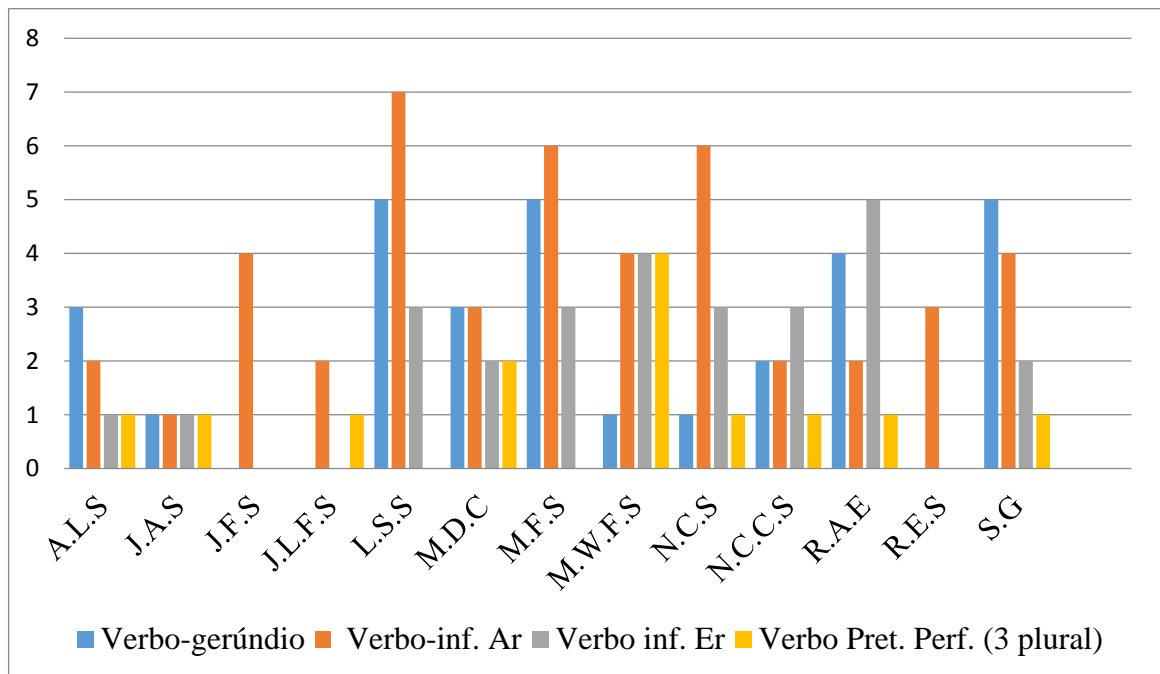


Gráfico 5 - Ocorrências individuais de Apócope em termos verbais. Fonte: autora.

Tabela 3. Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição fonética contextualizada.

APÓCOPE				
	Vocábulo	Caso ocorrente	Transcrição fonética	Transcrição fonética em contexto frasal
Verbo no gerúndio	Plantando	Prantanu	[prã 'tãnu]	['pu 'ɔra 'to prã'tãnu 'may 'mehmu] (Por hora estou plantando mais mesmo)
	Fazendo	Fazenu	[fa 'zẽnu]	[fa'zẽnu fɔ'Xɔ] (Fazendo forró)
	Vivendo (3x)	Vivenu	[vi'vẽnu]	['Da 'pa 'i vi'vẽnu] (Dá para ir vivendo)
	Formando (2x)	Formanu	['fɔhmãnu]	['ta 'si fɔh'mãnu 'ũa 'vila] (... está se formando uma vila)
	Brincando (4x)	Brincanu	[brĩ'kãnu]	['ta brĩ'kãnu) (Está brincando)
	Modificando	Modificanu	[mɔdifi'kãnu]	['as zɛra'sãw 'vãw 'si mɔdifi'kãnu] (As gerações vão se modificando...)
	Atacando	Atacanu	[ata'kãnu]	['nũ 'ta 'nus ata'kãnu] (Não está nos atacando)
	Dormindo	Durminu	[duh'mĩnu]	['tava 'todu 'mũdu duh'mĩnu]. (Estava todo mundo dormindo).
	Dizendo	Dizenu	[di'zẽnu]	['ta di'zẽnu ki a'taka 'mũytu] (Estão dizendo que

				ataca muito).
	Precisando (4x)	Precisanu	[presi'zãnu]	['a 'ʒɛti 'ta presi'zãnu] (A gente está precisando.)
	Devorando (2x)	Devoranu	[devo'rãnu]	['vay sa' i devo'rãnu 'a pɔpula'sãw] (Vai sair devorando a população.)
	Falando (2x)	Falanu	[fa'lãnu]	['fika fa'lãnu kari'ɔka] (Fica falando carioca.)
	Discriminando	Discriminanu	[diskrĩmĩ'nãnu]	[diskrĩmĩ'nãnu, nũ 'ɛ 'isu] (Discriminando, não é isso).
	Faltando	Faltanu	[faw'tãnu]	['ta faw'tãnu] (Está faltando.)
	Pegando	Peganu	[pe'gãnu]	['pasa pe'gãnu 'as kri'ãsa...] (Passa pegando as crianças)
	Sendo (2x)	Senu	['sẽnu]	['ta 'sẽnu 'feyta a'ki]. (Está sendo feita aqui)
	Vindo	Vinu	['vĩnu]	[aka'bey 'vĩnu ẽ'bɔra] (Aacabei vindo embora)
	Lavando	Lavanu	[la'vãnu]	['tava la'vãnu 'Xopa]. (Estava lavando roupa)
Verbo no infinitivo – 1ª conjugação	Falar (8x)	Falá	[fa'la]	['já 'vi fa'la] (Já ouvi falar)
	Botar (5x)	Botá	[bo'ta]	[tɛy ki bo'ta 'ag ^w a] (Tem que botar água)
	Colocar (5x)	Colocá	[kolɔ'ka]	[vĩ'ɛru kolɔ'ka a'gɔra] (Vieram colocar agora)

	Passar (7x)	Passá	[pa'sa]	['tëy 'ki pa'sa 'poh 'trays 'da la'goa] (Tem que passar por trás da lagoa)
	Comprar (2x)	Comprá	[kõ'pra]	['ew ki'ria kõ'pra] (Eu queria comprar)
	Morar (4x)	Morá	[mõ'ra]	['gõstu 'di mõ'ra a'ki] (Gosto de morar aqui)
	Brincar (9x)	Brincá	[brĩ'ka]	[brĩ'ka 'di is'to 'nu 'posu] (Brincar de estou no poço)
	Deixar (2x)	Deixá	[dey'ja]	[dey'ja a is'trada 'boa] (Deixar a estrada boa).
	Cozinhar (2x)	Conzinhá	[kũzĩ'na]	['pra kũzĩ'na 'nãw 'põdi] (Pra cozinhar não pode)
	Pular (2x)	Pulá	[pu'la]	[pu'la 'kõhda] (Pular corda)
Verbo no infinitivo – 2ª conjugação	Dizer (3x)	Dizê	[di'ze]	['nũ 'sei 'nẽ di'ze] (Não sei nem dizer)
	Fazer (14x)	Fazê	[fa'ze]	[fa'ze 'as 'koyza 'ki 'tëy 'ki fa'ze] (Fazer as coisa que tem que fazer)
	Trazer (2x)	Trazê	[tra'ze]	[tra'ze 'ag ^w a] (Trazer água)
	Beber (3x)	Bebê	[be'be]	['pra be'be 'i kũzĩ'na] (Pra beber e cozinhar)
	Querer (3x)	Querê	[ke're]	['sõ 'fawta ke're]

				(Só falta querer)
	Viver (2x)	Vivê	[vi've]	['a pe'soa 'devi vi've 'du 'jeytu 'ki 'podi] (A pessoa deve viver do jeito que pode)
Verbos no pretérito perfeito – 3ª pessoa do plural	Jogaram	Jogaru	[jo'garu]	[jo'garu 'dētu 'da la'goa] (Jogaram dentro da lagoa)
	Disseram	Disseru	[di'seru]	[di'seru 'ki 'foy 'pu 'kawza 'das 'pedas] (Disseram que foi por causa das pedras)
	Falaram	Falaru	[fa'laru]	['za! fa'laru) (Já! Falaram)
	Explicaram	Ispricaruru	[ispri'karu]	['nu 'mi ispri'karu] (Não me explicaram...)
	Vinheram/ Tiveram	Vieru/tiveru	[vi'ëru]	[u pesu'aw 'da sa'udi vī'ëru 'i ti'veru 'ki fa'ze 'ũma ag ^w a'sãw a'ki] (O pessoal da saúde vieram e tiveram que fazer uma aguação aqui).
	Viram	Viru	['viru]	['nũka 'viru] (Nunca viram)
	Foram (2x)	Foru	['foru]	['elas 'foru ispã'kada] (Elas foram espancada)
	Aprenderam	Aprenderu	[aprẽ'deru]	['elis aprẽ'deru 'la] (Eles aprenderam lá)
	Acostumaram	Acostumaruru	[akostu'maru]	['si akostu'maru]

				(Se acostumaram)
	Denominaram	Denominaru	[dɛnɔmĩ'naru]	[dɛnɔmĩ'naru 'esa lɔkali'dadi] (Denominaram essa localidade)
	Participaram	Participaru	[pahtisi'paru]	[pahtisi'paru 'da Xeuni'ãw] (Participaram da reunião)

Observações

A partir dos gráficos podemos afirmar que a apócope ocorreu tanto em verbos no modo infinitivo da primeira conjugação, quanto na segunda. Ocorreu também no tempo pretérito perfeito – 3ª pessoa do plural. Entretanto, alguns casos se sobrepuseram a outros, como nos mostra o gráfico 4, em que o verbo infinitivo (1ª conjugação-AR) corresponde a 40% da pesquisa. Em segundo lugar temos os verbos no gerúndio, em 3º os verbos infinitivos (2ª conjugação-ER) e por fim, os verbos no pretérito perfeito (3ª pessoa do plural).

O gráfico 5, por sua vez, revela o número de ocorrência deste fenômeno por cada falante entrevistado. Nos verbos em gerúndio foi constatada maior intensidade nas entrevistas realizadas com L.S.S (05 ocorrências); M.F.S (05 ocorrências); R.A.E (04 ocorrências) e S.G (05 ocorrências). Os demais variaram entre duas a três ocorrências, com exceção de três falantes, em que não foi detectado o fenômeno. As formas no infinitivo-AR variaram entre uma a sete ocorrências comprovadas no diálogo de todos os falantes, enquanto o infinitivo-ER variou entre uma a cinco ocorrências, distribuídas entre dez dos treze falantes. O pretérito perfeito (3ª pessoa do plural), por sua vez, concerne apenas a 11% da pesquisa, com ocorrências que variaram entre um e quatro, detectadas nas entrevistas de nove falantes, entre os treze pesquisados.

A apócope em contextos verbais na forma nominal do gerúndio é um fenômeno muito comum no PB, perceptível nas diferentes esferas sociais, ou seja, conseguimos constatar o fenômeno tanto em falante idosos, quanto em falantes jovens, com escolaridade elevada ou não, rico ou pobre etc. O que vai interferir na quantidade em que a Apócope vai ser detectada em determinado discurso é o contexto discursivo em que o falante está inserido e o grau de

monitoramento que o discurso exige. Por isso, o fenômeno foi detectado em quase todos os falantes da pesquisa, já que o discurso apresentava um caráter mais informal e espontâneo, que não exige alto monitoramento.

A redução do -ndo- em -no- faz parte de um processo chamado assimilação, que “é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes” (BAGNO, 2008, p. 77). Isto significa que, tanto o -n- quanto o -d- são pronunciados no mesmo ponto de articulação, ambos os sons são considerados dentais. Por haver esta semelhança, a assimilação transformou o -d- em -nn- e logo após em -n- por isso encontramos termos como falando x falanu.

Outro fenômeno bastante comum no PB é a supressão do -R- nos verbos infinitivos, tanto na primeira quanto na segunda conjugação. Ao fazer essa supressão do -R-, tendemos também a alongar a vogal final, dando maior ênfase a ela (BORTONI-RICARDO, 2004).

Concernente a este fenômeno, Bagno (2007) mais uma vez defende a teoria de uma mudança do PB já ocorrente no latim, ao citar os termos mare/mar; amat/ama etc., como exemplos para esta ocorrência. Observe que o mesmo acontece na atualidade, pois tomando o verbo cantar, como exemplos teríamos cantare/cantar/cantá, nada mais que uma tendência natural da língua. Entretanto, temos novamente Mendonça (2012) assumindo sua postura em defesa da mudança do PB provocada pelos negros que no Brasil habitaram, visto que o aludido autor mostra que esta redução do -R- em verbos no infinitivo ocorre em alguns locais da África, como Cabo Verde (chegar/chegá); Ilha do Príncipe (Vender/vendê); Ilha de Ano Bom (matar/matá), entre outros.

Lima (2014) nos auxilia a compreender as causas da queda do -R- em verbos no infinitivo, ao mencionar Castro (2001, p. 115-116) que diz que a nossa língua é propícia a ter a vogal como centro da sílaba, por isso é tão natural a queda do -R- no infinitivo, afinal, o centro da sílaba passa a ser a vogal que antecede o som suprimido.

Em síntese, a apócope neste contexto do infinitivo não sofre preconceito e por muitas vezes passa despercebido entre os falantes, o gerúndio-ndo/ndu também ocorre de igual forma.

Outro elemento detectado na pesquisa que constitui a Apócope é a perda da nasalidade presente nos verbos do pretérito perfeito (3ª pessoa do plural) - falaram/falaru. Um fenômeno já existente na língua desde o período arcaico. É o que podemos constatar na obra “A língua de Eulália”, quando Bagno (2008 p. 136) cita termos antigos do Português arcaico como legumen/legume - volumen/volume e ainda menciona os casos dos verbos (cantaram/cantaro-cantaru em algumas regiões brasileiras). É verdade que o primeiro caso é composto por

palavras aceitas na norma padrão e o segundo não, porém, a língua falada além de viva é fiel ao processo natural, mutável, que a compõe.

Na pesquisa realizada registramos 11% de casos ocorrentes de Apócope em verbos no PP (gráfico 4). No gráfico 5 percebemos que o falante com maior índice deste tipo de Apócope é a falante M.W.F. S (04 ocorrências), os demais falantes variaram entre uma ou duas ocorrências, exceto os falantes J.F. S, L.S. S, M.F. S e R.E. S cujo valor da ocorrência foi zero.

A partir dos falantes em que a referida variação foi detectada é justificável citar o fator escolaridade e posicionamento geográfico¹¹ como elementos condicionadores da mudança sonora neste contexto, tendo em vista que a falante M.W.F.S não é analfabeta, porém ainda está cursando o fundamental e vive desde que nasceu na área rural, a lidar com pessoas que também são eminentemente do contínuo rural, assim como todos os demais falantes. Quanto aos que não se detectou o fenômeno, podemos alegar apenas que o discurso não consistiu em nenhum uso específico dos verbos na 3ª pessoa do plural/pretérito perfeito, portanto, não houve como avaliar o uso dos referidos verbos por esses falantes em específico.

Observe ainda que os casos ocorrentes, além de serem elementos verbais, são sílabas postônicas e nasalizadas. Eis que neste caso entra também outro fenômeno chamado de desnasalização, ou seja, a perda final do termo –am– tem como objetivo desconstruir o som nasal, a constituir assim, um som oral. É um recurso já utilizado na língua desde muito tempo, por isso encontramos ao longo da história do Português termos como “*luna* > *lũa* > *lua*; *corona* > *corõa* > *coroa*; *persona* > *persõa* > *pessoa*” (BAGNO, 2007, p. 11).

A apócope nos verbos (pretérito perfeito - 3ª pessoa), apesar de ser muito comum entre os brasileiros, ainda é alvo de certo desprestígio social perante a sociedade, em contextos que exigem alto grau de formalidade.

Quanto à origem do fenômeno discutido acima, temos Bagno (2007) que assume a mesma postura dos demais casos de apócope, e Lima (2014, p. 110-111) que cita teóricos como Castro (2001) e Raimundo (1933). O primeiro afirma que os africanos influenciados pela língua banto não utilizam as vogais nasais e por isso pronunciam *coragi* em vez de coragem, igualmente ao PB não padrão. O segundo atribui à África a pronúncia oralizada do ditongo –ão–, assim como Mendonça (2012 P.87) também o faz ao mostrar pesquisa realizada no Distrito Federal, em que aponta termos como amaram/amaru; fizeram/fizeru etc.

¹¹ Termo que Bortoni-Ricardo (2004) chama de *rede social*.

¹²Em síntese, temos mais uma vez Bagno (2007) em defesa da primeira concepção de formação da língua e os teóricos citados por Lima (2014) como representantes da segunda.

3.1.3 Monotongação

A monotongação é um fenômeno fonético que consiste na queda de um encontro vocálico em uma única sílaba, com o objetivo de tornar em um único som a sílaba constituída por uma vogal e semivogal¹³.

Assim como os demais fenômenos já explanados ao longo da pesquisa, a monotongação é bastante comum na língua. O ditongo /OU//, por exemplo, é resultado de um processo chamado de assimilação parcial, que nada mais é que a aproximação entre dois sons diferentes. Para explicar esta aproximação, Bagno (2008, p. 83) alega que na formação da língua portuguesa existiu o ditongo-AU- que aos poucos transformou-se em -OU- por assimilação, já que para pronunciar palavras como /pAUku/ é exigido do falante um esforço maior, devido ao distanciamento entre a vogal-A- (baixa/aberta) e a vogal-U- (Alta/fechada). Como solução, os falantes trocaram o -A- pelo -Ô-, formando assim o léxico pÔUco que conhecemos atualmente. Isto porque o -Ô- é uma vogal também fechada e mais aproximada do -U-, a exigir, portanto, menos esforço do falante.

Além do -OU- existe outro ditongo que também é alvo da monotongação, neste caso estamos nos referindo ao ditongo -EI-. “Parece que a monotongação só acontece quando o ditongo EI aparece diante das consoantes J, X e R...” (BAGNO, 2008 p. 89). Presume-se, portanto, que a monotongação neste contexto exige situações específicas, ou seja, não ocorre em todos os léxicos, ao contrário do -OU- que é bem mais abrangente.

Observe que estas afirmações de Bagno (2008) vão novamente ao encontro da primeira concepção da formação da língua já explicada no capítulo I. Não obstante, temos Mendonça (2012, p. 84) novamente a explicar a monotongação através de estudos pautados na segunda concepção de formação do PB, tendo em vista as citações que faz de palavras como cheiro/ chêro; peixe/pêxe etc., associando-as a fenômeno africano. Ele admite que haja ocorrência da monotongação -EI- e -OU- em alguns lugares de Portugal, contudo, cita vários termos ocorrentes na África, como as palavras já mencionadas acima e outros componentes, a

¹² Concepções da língua: capítulo I - tópico 1.2

¹³ “As semivogais são vogais assilábicas, ou seja, elas ocupam a margem do núcleo silábico, pois não apresentam proeminência acentual para ser o centro da sílaba, como as vogais. O português apresenta dois segmentos que se caracterizam como semivogal: o [j], que muitas vezes é representado pelo [y], e o [w]”. (HORA, 2009 p.24).

aludir, por exemplo, pouco/pôco detectado em Cabo verde; outro/otulu na ilha de Ano Bom, entre outros.

Em contraposição, Lima (2014) cita Melo (1971 p. 82), que não concorda com esta segunda concepção, tendo em vista que os monotongos são encontrados em outras línguas românicas como o Francês e o Espanhol, em processo muito ocorrente já no Latim.

Enfim, os estudos sociolinguísticos acerca da formação do PB envolvem vários embates, entre eles estão estas duas concepções. Os estudos não permitem ainda determinar até que ponto o africano deixou suas marcas, nem tão pouco a profundidade do Latim no PB, entretanto, sabe-se que ambas as teorias contribuem consideravelmente com a pesquisa realizada, pois demonstram o quanto a língua é mutável e quão necessário é o seu estudo para a conscientização e reconhecimento das múltiplas formas de expressar a língua.

Os gráficos e a tabela a seguir mostrarão, por meio de dados quantitativos, as ocorrências da Monotongação no sítio Arisco/ Lagoa de Dentro.

3.1.3.1 Gráficos

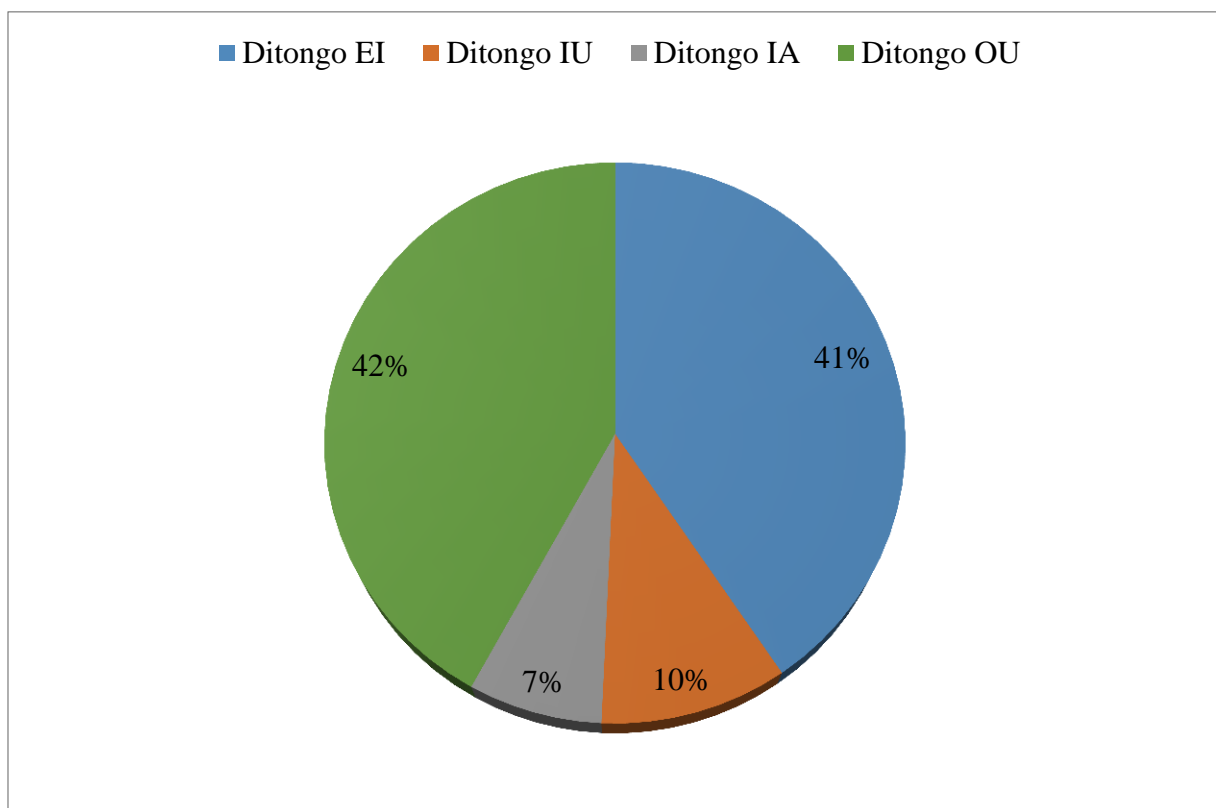


Gráfico 6- Representação dos casos de Monotongação/ múltiplos ditongos. Fonte: autora

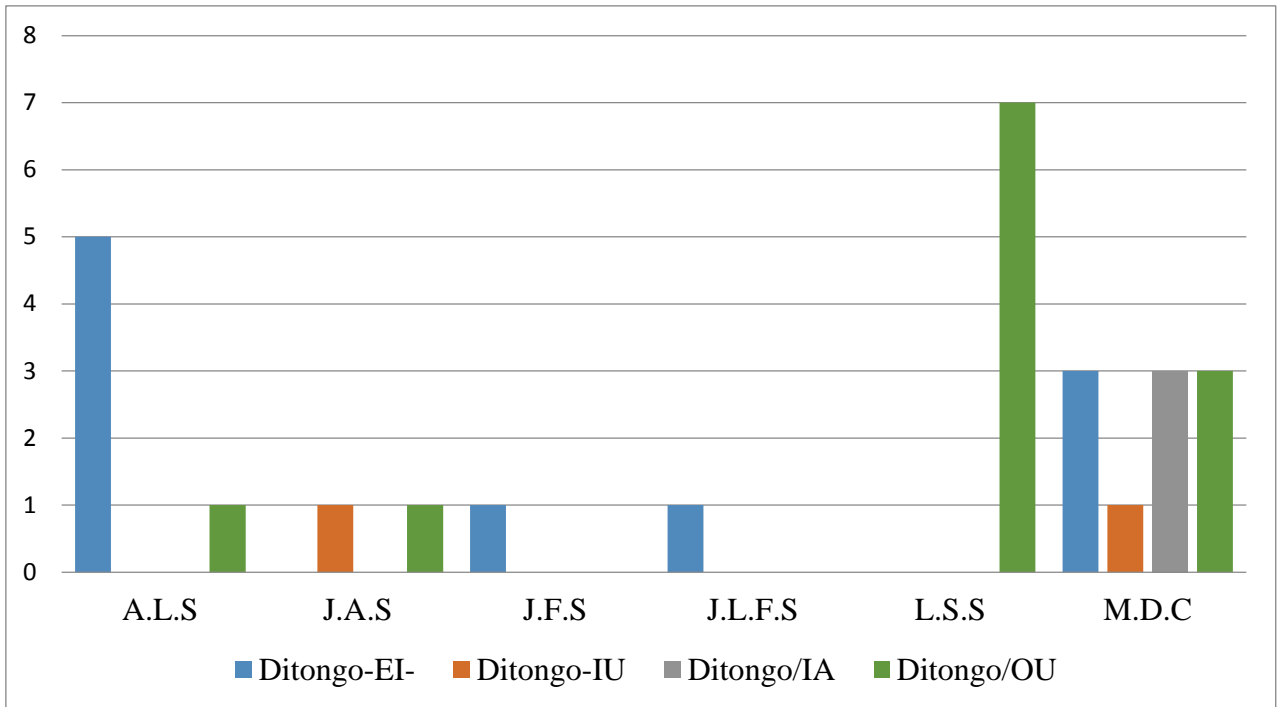


Gráfico 6/1 Ocorrências individuais de Monotongação. Fonte: autora.

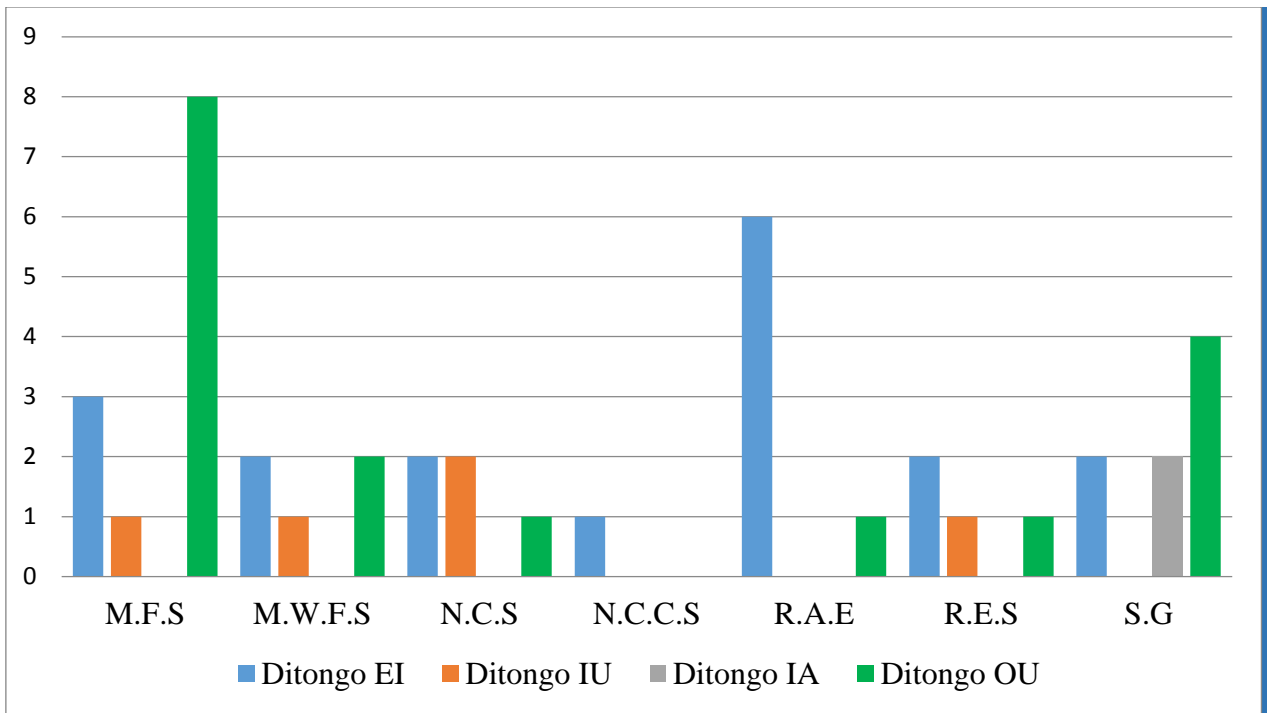


Gráfico 6/2 Ocorrências individuais de Monotongação. Fonte: autora.

Tabela 4. Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição fonética contextualizada.

MONOTONGAÇÃO/ Ditongo –EI-				
Vocábulo	Caso ocorrente	Transcrição fonética	Transcrição fonética em contexto frasal	Transcrição ortográfica
Feijão (4x)	Fêjãu	[feʒ'ẽw]	[Fey'zẽw, ba'tata].	(Feijão, batata).
Janeiro(2x)	Janêru	[zã'neyru]	['Pru 'Xii de zã'neyru].	(Pra o Rio de Janeiro).
Fogueira (2x)	Fugêra	[fu'gera]	[Fa'zẽnu fo'Xo, fu'gera].	(Fazendo forró, fogueira).
Macaxeira (13x)	Macaxêra	[maka'jera]	[maka'jera]	(Macaxeira)
Maneira (2x)	Manêra	[mã'nera]	['ew 'busku vi've 'da 'mĩɲe mã'nera]	(Eu busco viver da minha maneira).
Brincadeira (4x)	Brincadêra	[brĩkaderɛ]	['as brĩka'dera 'era 'may dife'rẽti].	(As brincadeira era mais diferente).
Barreiro	Barrêru	[ba'Xeru]	['pɛga 'nus ba 'Xeru].	(Pega nos barreiro).
MONOTONGAÇÃO/ Ditongo-IU-				
Negócio (2x)	Negoço	[nɛ'gɔsɔ]	[nɛ'gɔsɔ 'asĩ 'mehmu, nũ 'sabi?].	(Negócio assim mesmo, não sabe?).
Salário(2x)	Saláru	[sa'laru]	['mẽnus 'dũ sa'laru 'minimu].	(Menos de um salário mínimo).

Difícil (3x)	Difíci	[di'fisi]	['mũytu di'fisi 'pra 'gēti kōsi'gi ā ĩ'pregu].	[Muito difícil pra gente conseguir emprego].
MONOTONGAÇÃO/ Ditongo -IA-				
Experiência (3x)	Experiença	[esperĩ'ēsia]	['nũ 'tĩ na isperĩ'ēsia nē'ũa].	(Não tinha experiência nenhuma).
Violência	Violença	[vio'lēsa]	[vio'lēsa]	(Violência)
Ambulância	Ambulança	[ābu'lāsa]	['elis 'vēĩ 'ka ābu'lāsa 'i 'leva 'pra 'u ɔspi'taw].	(Eles vêm com a ambulância e leva pra o hospital).
MONOTONGAÇÃO/ Ditongo -OU				
Deixou (2x)	Deixô	['naw]	['nāw dey'fo kri'a].	(Não deixou criar).
Obrigou	Obrigô	[ɔbri'go]	['nus ɔbri'go].	(Nos obrigou).
Pegou (2x)	Pegô	[pe'go]	['ēla pe'go, 'tevi 'esa kri 'āsa].	(Ela pegou, teve essa criança).
Jogou (2x)	Jogô	[ʒo'go]	[ʒo'go 'dētu 'da 'lagoa].	(Jogou dentro da lagoa).
Criou	Criô	[kri'o]	['ēla kri'o]	(Ela criou).
Estou (3x)	Istô/ tô	[is'to]/ ['to]	[is'to 'nu 'posu]/ ['nāw 'to 'mũytu lě'brada].	(Estou no poço/ Não estou muito lembrada).

Sou	Sô	[‘so]	[‘nãw ‘so ‘tãw ‘vɛlu ‘asĩ].	(Não sou tão velho assim).
Bolsa	Bousa	[‘bowsa]	[sobre‘vivi ‘du ‘bowsa fã‘mi/aj].	(Sobrevive do Bolsa família).
Transformou-se (2x)	Transformô-si	[trãsfoh‘mo-si]	[trãsfoh‘mosi ‘nũa seh‘pěti].	(Transformou-se numa serpente).
Pouco (6x)	Pôcu	[‘poku]	[‘ũ ‘poku].	(Um pouco).
Outra (6x)	Ôta	[‘ota]	[‘ɛ ‘ota ‘lěda].	(É outra lenda).
Outro	Ôtru	[‘oru].	[‘otru ‘lɔkaw].	(outro local).
Roupa	Rôpa	[‘Xopa]	[la‘vãnu ‘Xopa].	(Lavando roupa).

Observações

Segundo os gráficos, foram detectados no sítio Arisco, a monotongação em quatro tipos diferentes de ditongo, estes são o ditongo –EI–, –IU–, –IA– e –OU–.

O ditongo que mais se fez predominante na pesquisa foi o ditongo –OU– e o ditongo –EI–, tendo em vista que no primeiro temos 42% das ocorrências e no segundo 41%. Entretanto, constatamos também dois ditongos menos ocorrentes, que são o ditongo –IU– com 10% de ocorrência e o ditongo –IA– com apenas 7%.

O Ditongo -OU- , conforme o gráfico 6/1 e 6/2, variou entre uma a três ocorrências entre os falantes pesquisados. Todavia, notamos que alguns falantes utilizaram com maior ênfase o já citado fenômeno, como a falante L.S.S (07 ocorrências), M.F.S (08 ocorrências) e o falante S.G (04 ocorrências).

Ao analisar a tabela 4 notamos que o ditongo-OU- é suprimido tanto em contextos verbais (verbos na 3ª pessoa do singular- Pretérito perfeito), quanto em contextos não verbais (Substantivos e advérbios). Apresenta-se no final da palavra ou no meio dela, sem se restringir a um fonema específico para a sua ocorrência.

Entre os falantes, apenas dois¹⁴ não fizeram uso do ditongo –OU– durante as gravações. Portanto, podemos alegar que a monotongação neste contexto é algo muito comum no PB, mesmo em contextos mais difíceis como em sílabas tônicas finais (BORTONI-RICARDO, 2004).

Como exemplo disso, basta verificarmos a tabela acima, que perceberemos inúmeros léxicos que tiveram a semivogal suprimida em posição final tônica¹⁵. Portanto, “a regra de monotongação do /ou/ está generalizada na língua oral, inclusive nos estilos monitorados” (BORTONI-RICARDO, 2004 p, 96). Por isso, pode ser considerado como um traço gradual já que é encontrado na fala de todos os brasileiros, seja no contínuo rural ou não, permanecendo apenas no sistema escrito. Significa dizer que não é alvo de grande preconceito, pelo menos no contexto oral, tendo em vista que o PB não é como o espanhol que já aderiu a monotongação do –OU– em contextos escritos. Isto indica que, o preconceito ainda existe por gramáticas que teimam em dizer que o brasileiro faz uso de um ditongo praticamente extinto (BAGNO, 1999).

Em suma, apesar deste tipo de monotongação ocorrer de forma mais extensa entre falantes¹⁶ analfabetos, não se aplica o fator escolaridade, já que a outra falante¹⁷ com grande número de ocorrências cursava na época da pesquisa o nível fundamental II, além de ser bem mais jovem que os outros dois falantes. Por isso, podemos também abandonar a ideia de faixa etária como condicionadora desta ocorrência de monotongo.

Neste caso, nos resta apenas alegar a própria estrutura interna da língua para explicar o referido fenômeno.

No que concerne ao ditongo-EI-, verificamos que as ocorrências foram ao encontro do que Bagno (2008) afirma, ao final na tabela observamos que o ditongo-EI- acontece antes do fonema [ʒ] e [r]. Assim como o –OU– é considerado um traço gradual, contudo restringido a alguns contextos fonológicos (BORTONI-RICARDO, 2004), com ocorrências que variam entre um e Sete. Também não é alvo de preconceito, exceto nos contextos escritos formais.

¹⁴ Falante J.F.S e J.L.F.S

¹⁵ Criou/ jogou/pegou/deixou etc.

¹⁶ M.F.S e S.G

¹⁷ L.S.S

O ditongo –IU- ocorreu em menor proporção (10%) restringindo-se a termos não verbais, tanto que não houve grandes ocorrências entre os 14 falantes entrevistados, apenas 06 suprimiram a semivogal do referido ditongo. E temos apenas três léxicos para este caso, que são: “salário/saláro; negócio/negoço e difícil/difíci, todos com supressão no final da palavra.

Quanto a este fenômeno podemos alegar que há um preconceito maior, já que sua ocorrência dá-se em menor proporção e se restringe, em sua maioria, ao contínuo rural, apesar de não está associado à escolaridade, visto que dos 06 falantes que fizeram uso do fenômeno, estão inseridos indivíduos analfabetos, com nível fundamental, médio e superior. O que interfere neste uso é a posição geográfica dos referidos falantes, já que ambos estão situados no eixo rural do município. Assim, pode ser considerado um traço descontínuo¹⁸, pois não abrange o espaço urbano.

Por fim, há também o ditongo –IA, que é considerado raro em nossa pesquisa, pois está restrito há apenas dois falantes¹⁹ e estão também inseridos no contínuo rural, por isso podemos citá-lo como traço descontínuo, assim como mencionar o fator idade e eixo geográfico como interferentes, tendo em vista que os falantes têm idades²⁰ aproximativas, a representar assim um EL também aproximativo.

3.2 METAPLASMO POR TRANSFORMAÇÃO

O metaplasmo por transformação ocorre quando um fonema deixa de se apresentar num dado léxico, e passa a ser substituído por outro diferente.

Botelho e Leite (2005) citam inúmeros fenômenos provocados pelo metaplasmo por transformação e entre eles estão à ditongação, o lamdacismo, o rotacismo entre outros. Devido a extensão dos fenômenos que compõem este conjunto, pesquisamos dados referentes apenas ao rotacismo.

3.2.1 Rotacismo

Assim como inúmeros fenômenos já mencionados nesta pesquisa, o rotacismo é um fenômeno ocorrente em períodos do português antigo, como prova temos o canto I dos Lusíadas (Camões, 2010 p. 12) em que o autor ao invés de usar flauta, utiliza *frauta*.

¹⁸ BORTONI-RICARDO (2004)

¹⁹ M.D.C e S.G

²⁰ M.D.C (35 ano- EL: 20 anoss) e S.G (33 anos-EL; 18 anos)

Como podemos perceber, o rotacismo consiste na troca do fonema –L- pelo fonema -R. O que hoje grande parte da sociedade rotula por erro, nada mais é que um processo natural da língua, com explicações coerentes na própria história de formação do Português.

É o que explica Bagno (2008 p.46) ao afirmar que:

Quem diz broco em lugar de bloco não é ‘burro’, não fala ‘errado’ nem é ‘engraçado’, mas está apenas acompanhando a natural inclinação da língua. O que era L em Latim, [...] permaneceu L em francês e em espanhol, mas em português se transformou em R. [...] Já em italiano esse mesmo L virou um I: fiamma (‘flama’), fiore (‘flor), pianta (‘planta’).

Esta citação nos faz perceber que não só o PB quanto outras línguas provindas do Latim transformaram o –L- em outro fonema. No português, temos o –R- como resultado desta mudança, porém, algumas palavras permaneceram com o L, seja pelo anseio dos gramáticos em tornar ao léxico padrão do Latim, ou seja pelo fato de até o século XIX haver duas opções para a escrita destas palavras. Assim, as pessoas poderiam escolher entre uma modalidade ou outra, havendo consequentemente alguns que optaram pela escrita com-L- e que acabou portanto se cristalizando pela norma padrão que a impôs como a única forma possível.

Já foi mencionado neste trabalho o quanto a língua oral é viva e mutável, mas acima de tudo ela é fiel ao próprio percurso natural. Isto quer dizer que, independente da norma impor ou não o uso do –L- em detrimento do –R- para determinadas palavras, algumas pessoas continuam a utilizar o léxico com-R- , a conservar assim uma modalidade mais antiga da língua, modalidade esta que o falante, mesmo que inconscientemente, sabe que é livre para escolher.

É importante informar ainda que, mais uma vez, temos Bagno (2008) em defesa da primeira concepção da língua. Mendonça (2012), referindo-se a esse fenômeno, cita léxicos como fora/fola; carro/calor etc. Observe que, nesses casos, ocorre o inverso, a troca se dá do –R- pelo –L-, o que muitos autores preferem chamar de Lambdacismo. Como explicação para isto, Mendonça (2012) alega que na língua bantu não há o fonema –R-, por isso houve a troca pelo –L- e assim se pronuncia até hoje pelos falantes de Angola.

Os gráfico e as tabelas a seguir mostrarão com maiores detalhes as ocorrências do rotacismo na área rural de Lagoa de Dentro.

3.2.2.1 Gráficos

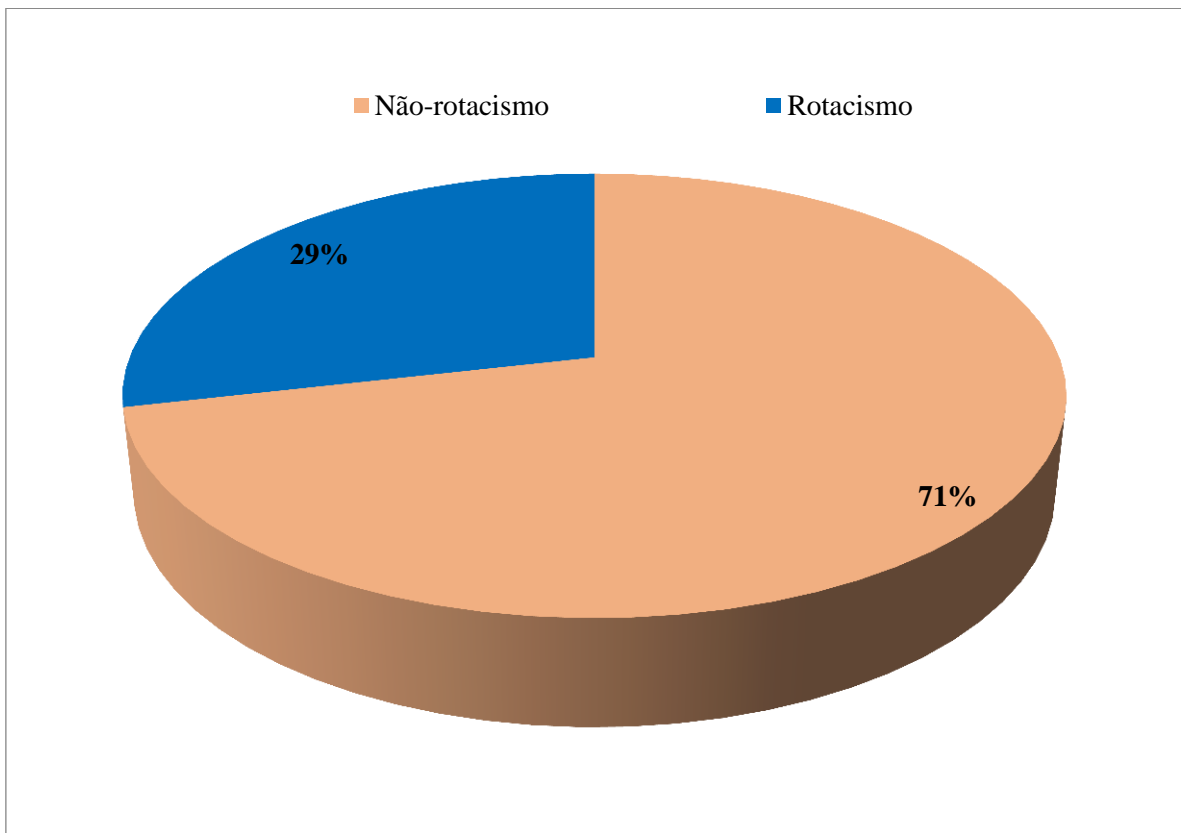


Gráfico 7- Representação dos casos de Rotacismo. Fonte: autora

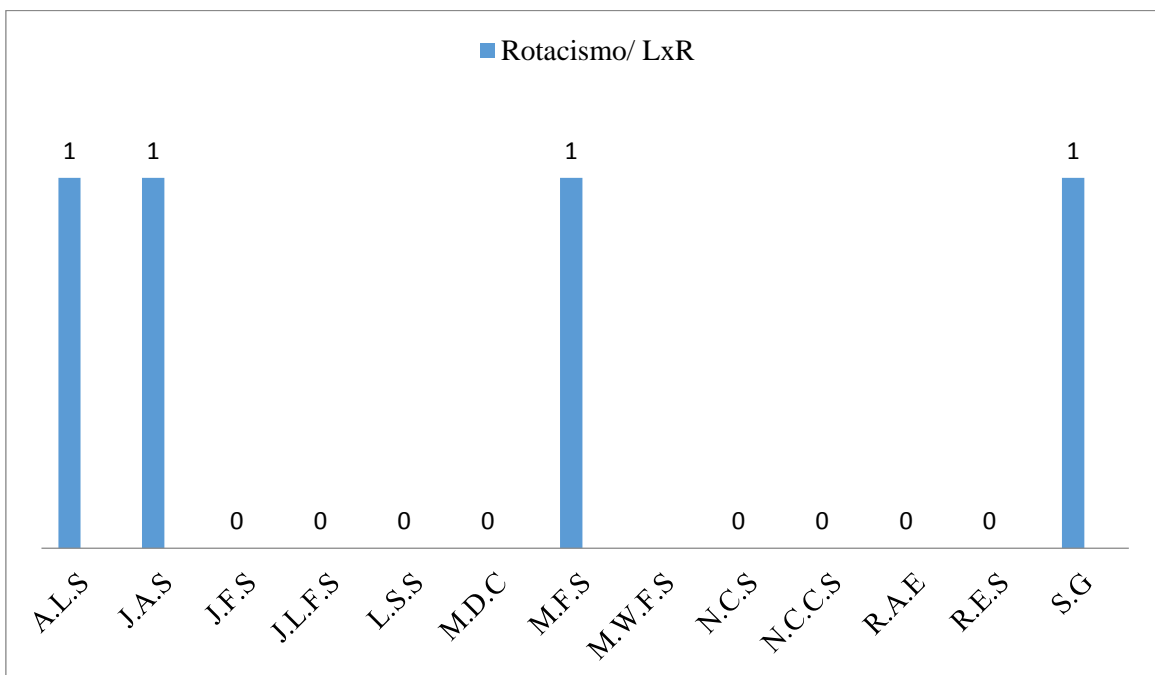


Gráfico 8 - Ocorrências individuais de Rotacismo. Fonte: autora.

Tabela 5. Tabela com vocábulo, ocorrência e transcrição fonética contextualizada.

ROTACISMO			
Vocábulo	Caso ocorrente	Transcrição fonética	Transcrição fonética em contexto frasal
Evangélico	Evangélicu	[evã'geriku]	[evã'geriku] ²¹ (Evangélico)
Explicar	Explicá	[espri'ka]	['nãw 'sey espri'ka]. (Não sei explicar)
Plantando	Pratanu	[prã'tãnu]	['pu 'ɔra 'to prã'tãnu 'may 'mehmu]. (Por hora estou plantando mais mesmo).
Bicicleta	Bicicreta	[bisi'kreta].	[ko'Xe 'na 'Xua 'di bisi'kreta]. (Correr na rua de bicicleta).

Observações

Por meio dos gráficos, podemos confirmar a informação anterior, ou seja, podemos afirmar que o rotacismo faz parte de um fenômeno que conserva formas antigas da língua, uma vez que, os falantes que utilizaram o fenômeno formam o grupo de falantes entre 30 a 50 anos, ou seja, constituem o grupo de maior faixa etária da pesquisa.

Como explicação, notificamos que os falantes além de estarem no topo da idade, ambos são analfabetos, o que nos faz refletir e detectar o fator escolaridade como elemento significativo neste cenário, tendo em vista que não presenciamos o rotacismo em falantes com aproximadamente a mesma idade, porém com o nível médio, apesar de todos eles estarem situados no eixo rural.

Mediante estas informações, nomeamos este fenômeno como um traço descontínuo, pois pode ser encontrado no eixo rural ou urbano²², mais é predominantemente rural e ainda é alvo de muito preconceito social (BORTONI-RICARDO, 2004). Esse preconceito se

²¹ Resposta obtida através da pergunta sobre a religiosidade do falante.

²² O eixo rural é aquele em que o falante fica entre o campo e a cidade e recebe influência dos dois, o urbano é caracterizado pelo falante influenciado apenas pelo espaço da cidade e o rural pelo espaço do campo. Para melhor compreender estas questões, faz-se necessário ler Bortoni-Ricardo (2004).

deve, principalmente, ao fato de que os falantes desta variante não são escolarizados e pertencem à camada social mais desfavorecida. Sua variante, portanto, não concerne àquela utilizada pelos “detentores” do saber e do poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa foram abordadas algumas hipóteses acerca dos fenômenos fonéticos no PB. Constatamos que, como imaginado, os fatores externos exercem enorme influência sobre a mutabilidade da língua, algo já defendido por Labov (2008) em suas pesquisas na ilha de *Massachusetts – Martha’s Vineyard nos EUA e nas lojas de Nova Iorque*.

Ao coletar o fenômeno Aférese, percebemos que as formas associadas ao verbo *estar* são muito comuns entre os falantes e que na pesquisa, dos 13 falantes entrevistados, apenas três não fizeram uso da aférese nesta modalidade. Neste caso não usamos o fator escolaridade ou idade como interferente, mas apenas o grau de monitoramento. Na forma adverbial (*até/té*) e pronominal (*você/cê*), por sua vez, detectamos o eixo geográfico como explicação para o uso da forma *té* por falantes com um grau escolar elevado, e a escolaridade/idade para o uso da forma *cê*, já que dentre todos os falantes, o indivíduo com maior idade e menor escolaridade, foi quem fez uso desta forma arcaica da língua.

No que concerne à Apócope, verificamos que ela ocorreu em verbos no infinitivo (1ª e 2ª conjugação), no gerúndio e no pretérito perfeito (3ª pessoa do plural). Tanto para as formas no infinitivo, quanto para as formas no gerúndio descobrimos que não há uma interferência da escolaridade, idade, sexo ou faixa etária, por ser um fenômeno já enraizado e não percebível. O que vai definir a maior ou menor ocorrência é apenas o contexto ou o grau de monitoramento. Entretanto, quanto ao caso relacionado aos verbos no pretérito perfeito concluímos que o fator escolaridade e eixo geográfico se fazem marcante, já que a falante que mais fez uso deste fenômeno, não é analfabeta, mas possui uma escolaridade ainda imatura.

Outro fenômeno analisado foi a monotongação nos ditongos -EI-, -IU-, -IA- e -OU-. No que se refere ao ditongo -OU- concluímos que ele já é um fenômeno generalizado e que se explica mais sob o viés interno do que externo da língua. O ditongo -EI- segue no mesmo caminho explicativo que o ditongo -OU-.

No ditongo -IU-, entretanto, constatamos o eixo geográfico como interferente nas formas utilizadas, visto que é um monotongo ocorrente nas áreas rurais, independente da faixa etária ou escolaridade.

O ditongo -IA- ocorreu de forma muito rara na pesquisa, detectado na fala de duas pessoas, o qual restringimos a idade e eixo geográfico como fator dominante para tal uso.

Por fim, temos o rotacismo, fenômeno causado por um metaplasmo por transformação e pouco ocorrente na dada pesquisa, o que nos fez associá-lo à escolaridade, já que os dois falantes que utilizaram o fenômeno são analfabetos.

Em síntese, concluímos que existem sim, fatores externos que interferem mais que outros no quadro variável da língua, nesta pesquisa podemos alegar o eixo geográfico, a idade, a escolaridade e o grau de monitoramento como os principais fatores, visto que o fato da localidade está situada no eixo rural e ainda por cima, fazer parte de uma cidade também interiorana contribui para a permanência de algumas formas pouco utilizadas ou a utilização de formas comuns em maior proporção, assim como a idade em alguns casos e a escolaridade. Temos ainda o grau de monitoramento que reflete em como o falante se posiciona mediante um determinado diálogo, ora monitorando-se mais, ora menos, com enfoque mais em alguns fenômenos do que em outros.

Todas estas afirmações em conjunto com os estudos teóricos, permitiu também concluir que o preconceito não tem fundamentação na língua propriamente dita, é algo ideológico, sentido por pessoas que não compreendem as mudanças naturais da língua e nem o processo histórico da sua formação. Uma prova clara disto é constatarmos que alguns fenômenos são tão comuns que passam despercebidos, como a queda do -R- infinitivos, por exemplo, ou a monotongação do ditongo-OU-. Não obstante existem outros que são menosprezados e desprestigiados como o rotacismo ou a aférese *té* e *cê*. Portanto, a causa do preconceito não é a língua, mas o que o homem faz dela.

Por conseguinte, a pesquisa no sítio Arisco ao mostrar as variáveis fonológicas e o que a sociedade pensa sobre ela, tornou-se conseqüentemente numa importante ferramenta contra os estereótipos linguísticos ainda existentes.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir com os estudos na área da Sociolinguística e da Linguística Histórica, bem como, auxiliar os profissionais do ensino básico ou todo e qualquer falante curioso e obstinado a conhecer a língua materna cada vez mais.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. Do Socorro. **A presença africana nos falares nordestinos**. Confluência, n. 12. Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa, 2º semestre de 1996, p. 87-100.

A língua que a gente fala. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>> Acesso em : 21 de Janeiro de 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A inevitável travessia**: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos *et al.* Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

_____. **Gramática histórica do latim ao português brasileiro**. Brasília, 2007.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 16.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial: 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: MARTELLOTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. **Metaplasmos contemporâneos** – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: II Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo (II CLUERJ- SG), 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ- SG. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>> Acesso em 24 de Abril de 2015.

CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luíz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Ana Christina Bentes. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras V.1. São Paulo, Cortez: 2011.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. São Paulo: Abril, 2010.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Como as línguas nascem e morrem?** O que são famílias lingüísticas? *s.l; s.d; s.e*. Disponível em < [http:// www. museudalinguaportuguesa. org. br/ files/ mlp/ texto_8.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_8.pdf)>. Acesso em 12 de Dezembro de 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Influência das línguas africanas no português brasileiro**. *s.l ; s.d; s.e*. Disponível em: <www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas>. Acesso em 01 de Janeiro de 2015.

CAVELT, Jean Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CELL UFPE. **Fala e escrita parte 1**. Disponível em < [http:// www. youtube. com/ watch? v= XOzo VHyiDew](http://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew) >. Acesso em 17 de Janeiro de 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COSTA, Benites Morais da. **Avaliação do assoreamento da lagoa da cidade de Lagoa de Dentro-PB**. Guarabira: UEPB, 2010.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís ; YEHIA, Hani Camille . **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em <http://fonologia.org>. ISBN 978-85-7758-135-1. Acesso em 15 de Novembro de 2014.

Dicionário de termos linguísticos. Disponível em :< [http:// www. portaldalinguaportuguesa. org/? action= terminology](http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology)>. Acesso em 21 de Janeiro de 2015.

DUBOIS, Jean, et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

HORA, D. da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em <<http://goo.gl/ecYlc>>. Acesso em 01 de Janeiro de 2015. (ok).

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* (Trads). São Paulo: Párbola Editorial, 2008.

LIMA, Fernanda Barboza. **Comunidade quilombola Caiana dos crioulos: um estudo sócio-variacionista**. 2014. 289 pág. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de pós-graduação em letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed São Paulo: Contexto, 2007.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MIRANDA, Francisco de Sá. **Os estrangeiros**. Projecto vercial, 2001. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pv000004.pdf>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed São Paulo: Contexto, 2007.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os níveis da fala: Um estudo sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9.ed. 1.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazzarotto. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período** / Izabel– Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Adelaide H. P. **Língua Portuguesa I: fonética e fonologia**. ed. rev. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

WEEDWOOD, Bárbara. BAGNO, Marcos (trad.). **História concisa da linguística**. São Paulo: Párbola Editorial, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A- FICHA DO INFORMANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
LINHA DE PESQUISA: Sociolinguística e Variação
PESQUISA: AS MÚLTIPLAS FACES DA LÍNGUA:
 UM ESTUDO SOCIOVARIACIONISTA NO SÍTIO ARISCO
 – LAGOA DE DENTRO – PB
PESQUISADORA: Edna Ranielly do Nascimento
ORIENTADORA: Professora. Dr^a. Fernanda Barboza de Lima

FICHA DO INFORMANTE

1. **NOME:**

2. **SEXO:**

3. **IDADE:**

4. **NATURALIDADE:**

5. **NOME DA LOCALIDADE ONDE MORA:**

6. **QUANTO TEMPO MORA NA ZONA RURAL:**

7. **NÍVEL DE ESCOLARIDADE:**

8. **ESTADO CIVIL:**

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
LINHA DE PESQUISA: Sociolinguística e Variação
PESQUISA: AS MÚLTIPLAS FACES DA LÍNGUA:
 UM ESTUDO SOCIOVARIACIONISTA NO SÍTIO ARISCO
 – LAGOA DE DENTRO – PB
PESQUISADORA: Edna Ranielly do Nascimento
ORIENTADORA: Professora. Dr^a. Fernanda Barboza de Lima

I. HISTÓRIA

- 1-Você conhece a história desta localidade?
- 2-Você consegue explicar o motivo pelo qual, esta localidade foi denominada de Sítio Arisco?
- 3-Segundo alguns moradores, é comum chamar, atualmente, o Sítio Arisco de Bairro São José. Porque houve esta mudança?

II. ECONOMIA

- 1- Você trabalha com a agricultura? Sim () Não (). O que você planta? Qual é a finalidade do cultivo?
- 2- Cria algum tipo de animal. Especifique-o.
- 1-Qual é a sua renda?
- 3-Em algum momento, a sua renda foi inferior a atual? Sim () Não (). Como foi essa experiência?
- 4- Você já viajou para outra localidade em busca de emprego? O que o levou a tomar esta decisão? Qual era a sua função? Quais eram as condições de vida neste lugar?
- 5-Que sugestão você daria para melhorar a economia da população?

III. RELIGIÃO

- 1- Qual é a sua religião?
- 2- Existe alguma igreja nesta localidade? Sim () Não ().

3- Na localidade, são realizadas algumas ações sociais promovidas pela igreja? Sim () Não (). Quais e como elas ocorrem?

IV. CULTURA

1- Você conhece a lenda da grande cobra que vive no fundo da Lagoa? Sim () Não (). Relate-me um pouco sobre ela.

2- Você conhece outras lendas? Sim () Não (). Quais?

2- Como a população do Sítio Arisco ou Bairro São José comemoram a festa junina?

V. INFRAESTRUTURA

1- O açude deste local é suficiente para suprir as necessidades da população? Sim () Não (). Justifique.

2- A prefeitura promove alguma ação que contribui para a extinção da escassez de água no Sítio Arisco? Sim () Não (). Qual?

3- Quais as ações que poderiam ser realizadas para melhorar o sistema de abastecimento de água no local? Existe algum projeto sobre esta temática?

4- Como é a estrada principal que dá acesso ao local via Lagoa de Dentro? Você acha que algo deveria ser feito para melhorá-la? Sim () Não (). Justifique.

5. Sempre houve energia no Sítio Arisco? Sim () Não (). Descreva.

VI. PRECONCEITO

1- Algumas pessoas do centro urbano apresentam certo “preconceito” com esta região. Você concorda com esta afirmação? Sim () Não (). Explique.

2- Você, em algum momento, já sofreu preconceito por morar nesta localidade? Explique se possível.

3- Já sofreu outros tipos de preconceito? Sim () Não () Cite-os.

VII. SAÚDE

1- Existe alguma unidade de saúde no Sítio Arisco? Sim () Não ().

2- Como ocorre o atendimento à população?

3- Existe alguma praga que assola ou assolou a região? Sim () Não (). Como se procedeu ou está se procedendo o tratamento? A unidade de Saúde tomou alguma atitude para o combate de tal praga?

VIII. VIOLÊNCIA

1- Qual é o índice de violência na localidade?

2- Você acha que o “trecho” Lagoa de Dentro/ Sítio Arisco é propício à violência? Sim () Não (). Por quê?

3- Houve algum acontecimento violento que marcou este lugar? Sim () Não (). Relate-o.

IX. BRINCADEIRAS

1- Quais são as principais brincadeiras realizadas pelas crianças da comunidade?

2- As brincadeiras atuais são iguais as de antigamente? Sim () Não (). Justifique.

3. Antigamente, todas as crianças brincavam juntas, ou havia separação por sexo e faixa etária?

X. EDUCAÇÃO

1. Quantas escolas existem no Sítio Arisco?

2. Os alunos precisam pegar algum transporte para chegar à escola? Sim () Não (). Descreva, se possível, este processo.

3. Você frequentou alguma escola? Sim () Não () Há quanto tempo deixou de frequentá-la? Você sente alguma carência por não ter estudado mais? Gostaria de voltar a estudar novamente?

XI. FAMÍLIA

1. Quantas pessoas moram em sua casa? Quantas crianças?

2. A renda é suficiente para manter a sua família? É necessário, que as crianças trabalhem juntamente com os pais, para manter a casa?

XII. LAZER

1. Existe alguma atividade de lazer neste local? Sim () Não (). Quais?

2. O que você acha que deveria ser "implementado" no local, para o lazer da população? Como deveria ser realizado?

XIII. LEITURA

1. Você sabe ler? Sim () Não ().
2. Qual é a sua relação com o livro?
3. Existe alguma ação que poderia ser realizada para melhorar a leitura da população?
Quais?

XIV. MÚSICA e RITMO

1. Qual é o ritmo predominante no local? Por quê?
2. Qual é o cantor (a) que você mais se identifica? Explique.
3. Qual é a diferença entre as músicas de antigamente e as atuais? Quais você “curti” mais.

XV. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

1. O que você acha do sotaque dos cariocas, paulistas etc.
2. Em algum momento, já sofreu preconceito pela forma como fala? Pelo seu sotaque paraibano? Como reagiu a esta situação?
3. Você já ouviu alguém falar um nome diferente para “algo” (fruta, comida, objetos etc.) da nossa região?
4. Existe alguma palavra que a sua avó ou qualquer outro parente diz que você não consegue compreender ou que já não utiliza-se mais? Sim () Não (). Cite-as.
5. O que você entende por gente que tem mania de falar “difícil”?

XVI. NATURALIDADE “ARISQUIANA”

- 1- Há quanto tempo você mora neste local?
- 2- O que o levou a viver neste lugar?
- 3- Você gosta desta localidade? Sim () Não (). Justifique.
- 4- Relate-me os pontos positivos e negativos do Sítio Arisco.